



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC I
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA – DH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

CLAUDIVAN BARBOSA PEREIRA

**ENTRE O CÁLICE E O ATHAME:
REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES DA BRUXARIA MODERNA NA
CONTEMPORANEIDADE**

CAMPINA GRANDE - PB
2011

CLAUDIVAN BARBOSA PEREIRA

**ENTRE O CÁLICE E O ATHAME:
REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES DA BRUXARIA MODERNA NA
CONTEMPORANEIDADE**

Monografia apresentada pelo Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado.

Orientadora: Prof^a Ms^a Martha Lúcia
Ribeiro Araújo

CAMPINA GRANDE - PB
2011

P436e

Pereira., Claudivan Barbosa.

Entre o Cálice e o Athame [manuscrito]:
Representações e Identidades da Bruxaria Moderna na
Contemporaneidade /Claudivan Barbosa Pereira. – 2011.

64 f.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
História) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Educação, 2011.

“Orientação: Profa. Ma. Martha Lúcia Ribeiro
Araújo, Departamento de História”.

1. Bruxaria 2. Historia Cultural 3. Identidades I.
Título.

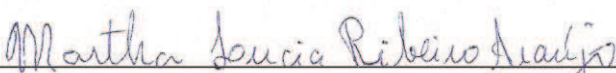
21. ed. CDD 133.43


CLAUDIVAN BARBOSA PEREIRA

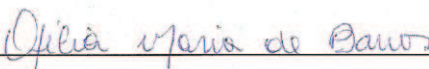
**ENTRE O CÁLICE E O ATHAME:
REPRESENTAÇÕES E IDENTIDADES DA BRUXARIA MODERNA NA
CONTEMPORANEIDADE**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena em História da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciado.

Aprovada em 30/11/2011


Profª Msª Martha Lúcia Ribeiro Araújo / UEPB
Orientadora


Profª Drª Patrícia Cristina de Aragão Araújo / UEPB
Examinadora


Profª Drª Ofélia Maria Barros / UEPB
Examinadora

Dedico esse trabalho a meu pai (*in memoriam*),
José Olavo Teodósio Pereira, que da sua forma esperava
e apostava em mim.

AGRADECIMENTOS

Aos Deuses(as), pois junto com os mesmos, traço o meu caminho.

A minha mãe Maria de Fátima Barbosa Pereira, que sempre me ajudou de todas as formas, meus irmãos que também tem papéis importantes na minha trajetória.

A minha orientadora professora Ms^a Martha Lúcia Ribeiro Araújo, por ter acreditado. Aos professores do Curso de Licenciatura Plena em História da UEPB, que nos possibilitaram e nos ajudaram na nossa formação.

Aos funcionários da UEPB, em especial a Socorro pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos amigos, Thiago Almeida, Thiago Oliveira, Flavio Guilherme e Diego Alejandro pelas ajudas, tentativas e incentivos.

Aos colegas de classe pelos momentos de alegria, aprendizado e discussões acaloradas, em especial a Natyara Fernandes e Gilmara Tavares pelos momentos prazerosos e de muitos sorrisos.

Despertem, despertem todos
e ouçam a voz do chamado da Deusa.
Alegrem-se! Alegrem-se!
Elevem a voz
e deixem que a nossa bela Mãe Terra
seja preenchida pela magia, pelo amor e pelo júbilo.
Que haja bebida.
Que haja música.
Celebrem alegremente a noite inteira!
GerinaDunwich

RESUMO

Nos dias atuais, é notório o acentuado crescimento e ênfase às religiões “não convencionais” na chamada pós-modernidade. Dentre essas, se destaca a Bruxaria, com bastante enfoque na mídia, livros, filmes e novelas de hoje em dia, da qual é levantada a reflexão sobre as antigas representações acerca da mesma como cultos demoníacos com pessoas horrendas e práticas de sacrifícios grotescos. Assim, o objetivo deste trabalho é, de forma geral, fazer um estudo das representações subjetivas dos diversos discursos presentes na mídia e em outras religiões, como também dos praticantes da Bruxaria Moderna, e de modo mais específico agrupar as características comuns destes discursos para entender como se configuram estas práticas na contemporaneidade. Percebendo que determinados estereótipos são formados desde a Idade Média permeando até nossa contemporaneidade e analisando possíveis rupturas e permanências. Para realizar a pesquisa foi adotada uma metodologia de pesquisa bibliográfica e de levantamento, uma vez que foi feita revisão bibliográfica e historiográfica sobre o tema, além de uma série de entrevistas realizadas no período de março a abril de 2011 com personalidades de tradições de bruxaria moderna, durante um evento em Campina Grande. As entrevistas visaram criar um corpus para análise do aspecto que se pretende aqui discutir: como se representam os adeptos contemporâneos da Bruxaria moderna? Quais elementos persistem entre eles e quais os diálogos que essas novas tradições exercem com o passado? Como resultado da pesquisa temos que, embora ainda prevaleça nos dias atuais o estereótipo da bruxaria, criado na Idade Média, como sendo uma religião de culto maligno com imagens grotescas e diabólicas, ocorreram rupturas dessas representações e identidades, uma vez que percebemos que agora, em nossa contemporaneidade, esses “personagens” são jovens bruxos do “bem”, muitos não são tão feios, nem com aparências monstruosas, mas com alguns símbolos clássicos como voar em vassouras, o uso de chapéus pontudos, de ingredientes extravagantes e o preparo de poções em um caldeirão fumegante. Desse modo, bem diferente das velhas imagens sobre a bruxaria/bruxa(o), os seus adeptos “constroem” uma representação/identidade através de suas práticas que (re)afirmam um elo com um passado remoto e longínquo como um eco, reforçando a identidade de uma religião sábia e antiga.

PALAVRAS-CHAVE: História Cultural. Bruxaria. Representações. Identidades. Contemporaneidade.

ABSTRACT

Nowadays, it is clear the emphasis on high growth and "unconventional" religions in the so-called post-modernity. Among these, Witchcraft can be highlighted, with enough focus on current media, books, movies and soap operas, which is raised to reflect on the ancient representations of the same services as people with horrific and demonic practices of grotesque sacrifices. The objective of this work is, in general, to do a research on subjective representations of the different discourses present in the media and other religions, as well as practitioners of Modern Witchcraft, and more specifically to group the common features of these discourses to understand how practices occur in the contemporary world. Realizing that certain stereotypes are formed from the Middle Ages to permeate our contemporary and analyzing possible ruptures and continuities. To conduct the research methodology literature search and survey were adopted, since it was made a historiographical literature review on the subject, and a series of interviews conducted during March-April 2011 with personalities, traditions of modern witchcraft during an event in Campina Grande. The interviews aimed at creating a corpus for analysis of the aspect we intend to discuss: how to represent the contemporary adherents of modern Witchcraft? What elements persist among them and the dialogues that carry these new traditions from the past? As a result of the research we have, although the stereotype of witchcraft created in the Middle Ages still prevails today, as an evil cult religion with evil and grotesque images, there were ruptures of these representations and identities, once we see that now, in our contemporary times, these "characters" are "good" young wizards, many are not so ugly or monstrous-looking, but with some classic symbols like flying on broomsticks, using pointy hats, fancy ingredients and the preparation of potions in a steaming cauldron. Thus, quite different from the old images of witchcraft / witch, their fans "built" a representation / identity of their practices that (re)state a linkage to a remote and distant past like an echo, reinforcing identity of a wise and ancient religion.

KEYWORDS: Cultural History. Witchcraft. Representations. Identities. Contemporaries.

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	10
1“VELHOS RITOS, NOVOS TEMPOS”: MICROHISTORIOGRAFIA DA BRUXARIA MODERNA.....	13
2 IMAGENS, SOMBRAS E DISTORÇÕES.....	25
3 ENTRE O CÁLICE E O ATHAME.....	35
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	48
APÊNDICE A – ENTREVISTA 1.....	52
APÊNDICE B – ENTREVISTA 2.....	58
APÊNDICE C – ENTREVISTA 3.....	61

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente trabalho visa um estudo descritivo das representações e imagens da bruxaria moderna na construção da identidade da(o) bruxa(o) no espaço da contemporaneidade.

A partir desse princípio, propomo-nos, diante estas manifestações, estudar a bruxaria em sua acepção moderna como uma expressão de religiosidade (MIELE, 2000), como defendida por seus adeptos e por pesquisadores em estudos recentes, mas também enquanto prática religiosa não vinculada a instituições religiosas específicas. Objetivamos de forma geral fazer um estudo das representações subjetivas dos diversos discursos presentes na mídia e de outras religiões, como também dos praticantes da Bruxaria Moderna, e de modo mais específico agrupar as características comuns destes discursos para entender como se configuram estas práticas na contemporaneidade. Identificamos que determinados estereótipos são formados desde a Idade Média permeando até nossa contemporaneidade, analisamos possíveis rupturas e permanências. Verificamos também possíveis causas de um notório crescimento dessa religião tida como “alternativa”.

Aprofundando a definição dada por Araújo (2007) em seu estudo etnográfico sobre a bruxaria moderna e tradicional, entendemos a Bruxaria Moderna como um conjunto de práticas, condutas e procedimentos para se atingir determinados propósitos. Todavia centramos nosso estudo nas práticas que se inspiram nas tradições e religiões de matriz europeia pré-cristã, o que requer ainda mais uma alteração neste conceito; destarte, a concepção de bruxaria que norteia este trabalho consiste no conjunto de práticas, técnicas, procedimentos com fins a controlar certos elementos da natureza para se alcançar, através do controle ou conhecimento destes, determinados fins.

As “primeiras” pesquisas e discussões sobre a bruxaria como elemento da cultura começam por volta da década de 1970, com o advento da virada cultural e o consequente “surgimento” da História Cultural. Segundo Pesavento (2005), as crises do mundo Pós-Guerra gerou um abalo, um estremecimento das bases sólidas sobre as quais se fundava a história até então. Então “surge” a História Cultural com

o objetivo de reformular a visão até então determinista de história, abrindo assim margens para pesquisas com objetivos mais livres e com metodologias mais interdisciplinares, de modo a construir a autonomia no diálogo com outras áreas do saber e da cultura. A contrapartida da História Cultural é a multiplicação dos focos e objetos de pesquisa, o estremecimento das distâncias que separavam as disciplinas. O aparecimento da História Cultural implica um movimento que estimula a multiplicação dos focos de pesquisa, que até então, quando muito, privilegiavam apenas elementos da cultura erudita, limitando-se a uma tarefa do historiador como compilador de dados e datas.

Com esta mudança, o movimento *New Age*¹ começa a ser objeto de estudos e posteriormente, surgem os primeiros estudos em escala internacional tratando da Bruxaria, cultos pagãos no mundo moderno e outros temas similares. No Brasil o tema ganha maior visibilidade na segunda metade da década de 1990, destacando-se de forma mais notória os trabalhos desenvolvidos por Laura de Melo (1995) e em seguida o de Carlos Nogueira (2000) que serão posteriormente abordados aqui.

À semelhança destes trabalhos citados, a análise que se fará aqui está localizada no âmbito da História Cultural reunindo ainda elementos da teoria das representações e práticas sociais de Chartier (2002). Para Chartier, a cultura ou as diversas formações culturais podem ser analisadas no âmbito produzido tanto nas práticas como nas representações, pois tanto os objetos culturais são formados nesses dois polos como também os indivíduos produtores e receptores permeiam entre esses pólos, “que de certo modo corresponderiam respectivamente aos “modos de fazer” e aos “modos de ver”” segundo Barros (2005).

Para tanto adotamos uma metodologia de pesquisa fundada em dois elementos: pesquisa bibliográfica e entrevistas. A pesquisa bibliográfica e historiográfica sobre o tema aqui é posta visando uma revisão da literatura para entender o que tem-se até então discutido e dito sobre o tema.

O segundo momento metodológico é composto por uma série de entrevistas realizadas no período de março e abril de 2011, a maioria delas com membros dessas tradições de bruxaria moderna que estiveram reunidos em Campina Grande durante o IV Encontro Paraibano de Neopaganismo, ocorrido na Faculdade de

¹ Movimento que possui muitas subdivisões, sendo geralmente uma fusão de ensinios metafísicos de influência oriental, de linhas teológicas, de crenças espiritualistas é uma filosofia de vida de bem estar e tolerância universal.

Comunicação Social da UEPB. O critério que norteou a seleção dos entrevistados é a sua representatividade diante das comunidades ou tradições a que pertencem, tomando como recorte temporal a primeira década dos anos 2000.

Selecionamos assim três adeptos da bruxaria, sendo dois homens e uma mulher. O primeiro foi o Sr. Wagner Perico, sacerdote/bruxo da Tradição de bruxaria Wannan há 20 anos, com idade de 48 anos, consultor de viagens, tarólogo, runólogo, formado em artes plásticas e tradutor e intérprete de alemão. Tendo conhecido e sido iniciado na Alemanha. O segundo entrevistado foi o Sr. Claudiney Prieto com idade de 34 anos, bruxo da Tradição Diânica Nemoenses, autor de vários livros sobre Wicca e um dos referenciais de bruxaria no Brasil. E a terceira entrevistada foi a Sr^a Virginia Dal Bo Ribeiro, com idade de 34 anos, com formação em fisioterapia.

As entrevistas visaram criar um corpus para análise do aspecto que se pretende aqui discutir: como se representam os adeptos contemporâneos da Bruxaria moderna? Quais elementos persistem entre eles e quais os diálogos que essas novas tradições exercem com o passado?

Para tanto organizamos este trabalho em três capítulos. O primeiro capítulo intitulado “*Velhos ritos, novos tempos*”: *Micro-historiografia da Bruxaria Moderna* objetiva por uma revisão da literatura sobre o tema, abordando desde textos científicos e acadêmicos até textos classificados como “esotéricos” pelas editoras, mas que para além disso e de classificações ou juízos de valor, são tomados como referência para o tema, a exemplo dos ensaios de Gerald Gardner e Charles Leland.

O segundo capítulo *Imagens, sombras e distorções* faz uma explanação sobre os pontos teóricos nos quais este estudo se insere: a História Cultural e a Teoria das representações e práticas sociais. Onde discutiremos os estereótipos associados à bruxaria/bruxa(o) formulados desde a Idade Média e que perdura até os dias atuais e percebendo as continuidades ou rupturas nesses discursos.

Já o último e terceiro capítulo *Entre o Cálice e o Athame* analisaremos as práticas que caracterizam a Wicca, seus ritos, seus discursos e crenças e, a partir daí, formam uma representação e por consequência, “constroem” uma identidade já que ao nosso ver representação e identidade andam juntas. E por fim, nas considerações finais fazemos um levantamento do que fora percorrido apontando nossas conclusões e considerações sobre o tema.

1. “VELHOS RITOS, NOVOS TEMPOS”: MICROHISTORIOGRAFIA DA BRUXARIA MODERNA

“Ouve as palavras da Grande Mãe, ela outrora era também chamada entre os homens de Ártemis, Astarté, Atena, Dione, Melusina, Afrodite, Cerridwen, Dana, Arianhod, Ísis, Bride e por muitos outros nomes. (...) Pois minha lei é o amor voltado para todos os seres. (...) Sobre a Terra concedo o conhecimento do espírito eterno; e além da morte concedo paz e liberdade e reunião com aqueles que se foram antes. Também não exijo sacrifício, pois vede: eu sou a Mãe de tudo que vive e meu amor é vertido sobre a Terra. (...) E, portanto, que haja beleza e força, poder e compaixão, honra e humildade, jovialidade e reverência no interior de vós. (...) Pois vede, eu tenho estado contigo desde o princípio, e eu sou aquilo que é atingido ao fim do desejo”.(FARRAR e FARRAR, 1999).

Este capítulo pretende fazer um registro do percurso histórico da bruxaria de forma a pontuar os principais momentos ou elementos que hoje se fazem como relevantes ou notáveis nas práticas modernas. Investigamos, primeiramente, as origens pré-medievais e medievais da bruxaria, para compreendermos o que ela era no mundo antigo e como essas práticas eram manifestadas no mundo europeu.

A bruxaria como prática religiosa tem crescido nos últimos anos desde seu “(re)surgimento” por volta dos anos 1951 na Inglaterra quando a última das leis contra a bruxaria foi revogada pelo parlamento. Em sua manifestação moderna, esta(s) prática(s) tem como origem a reconstrução de antigos cultos pré-cristãos e medievais de regiões da Europa Ocidental que por vezes foram mescladas com tradições locais e sociedades de mistério e ocultismo de várias partes do mundo, principalmente do Oriente próximo.

Em 1954 e 1959, o folclorista britânico Gerald Gardner escreve em *A Bruxaria hoje* (1954) e *O Significado da bruxaria* (1959) que tinha encontrado vários grupos de pessoas que praticavam ritos sobreviventes de cultos agrários, pré-cristãos, os quais ele denominou de Wica², o mesmo atribui a palavra uma origem anglo-saxã que significaria “girar, dobrar, moldar”.

²Em sua primeira aceção o termo foi cunhado ou reproduzido por Gardner com um único C, diferente das versões contemporâneas que o escrevem com dois C. Pesquisadores e historiadores apontam que esta mudança deu-se com o advento da religião por grupos feministas durante as décadas de 1960 e 1970, inserindo um outro C como forma de diferenciação.

Gardner entende estes ritos como o renascer de um antigo culto chamado a Velha Religião da Inglaterra:

Na idade da Pedra, o que o homem queria principalmente eram boas colheitas, boa caça, boa pesca, aumento de rebanhos e manadas e muitos filhos para fortalecer a tribo. Tornou-se tarefa das bruxas realizar ritos para obter essas coisas. Era provavelmente uma era matriarcal, quando o homem caçava e a mulher ficava em casa praticando a medicina e a magia. (Gardner: 2003, p.39).

No entanto, Charles Godfrey Leland (1824 — 1903), um folclorista de período anterior a Gardner, em pesquisas datadas de 1886 afirma ter conhecido uma italiana chamada Maddalena que se apresentava como bruxa, e que durante mais de dez anos forneceu a Leland o que mais tarde ficou conhecido como o “Evangelho das Bruxas”. Com isso em 1899 ele publica *Arádia: O Evangelho das Bruxas* baseado no material fornecido por Maddalena:

Travei íntimo contato com uma dessas mulheres em 1886, e desde então encarreguei-a especialmente de coletar, entre suas irmãs do encantamento oculto, todas as antigas tradições de diversos lugares. É verdade que me vali de outras fontes, mas essa mulher, por sua vasta prática, aprendeu perfeitamente o que poucos compreendem, ou exatamente o que eu desejo, e como extrair esse conhecimento de entre os seus semelhantes.(LELAND: 2000, p.139).

Verificamos ressonâncias entre o texto de Gardner e de Leland. Como se observa no fragmento acima exposto, Leland também reconhece a origem dessas tradições de bruxaria em antigas tradições e grupo pré-cristãos. No entanto a ideia da sobrevivência de ritos pagãos durante a Idade Média é mais antiga, provindo do antropólogo inglês James Frazer. Em seu livro *O Ramo Dourado*, publicados em 12 volumes entre os anos de 1890 e 1941, Frazer popularizou em descrições minuciosas os antigos cultos pré-cristãos de adoração à natureza, os sacrifícios e as concepções de natureza e religiosidade pagã:

É evidente que não se pode descartar a sobrevivência de determinados elementos do paganismo, embora em grande parte esvaziados do seu significado original, nos costumes e festividades populares, ao longo da Idade Média e até mesmo nos tempos atuais. Isso, no entanto, é bastante distinto de uma sobrevivência do paganismo, ainda mais como uma religião organizada, levando em consideração que virtualmente toda a Europa

estava convertida ao cristianismo por volta do séc. XII. (DUARTE, 2008, p.53).

Na mesma linha de pensamento de Frazer, entre 1921 e 1930, foram publicados os livros da egiptóloga britânica Margareth Murray. A egiptóloga afirmava, em síntese, que houve uma sobrevivência de antigos cultos pré-históricos de adoração a um Deus chamado de “Dianus”, um deus de chifres, e a uma deusa a “Grande Deusa” em plena Idade Média que foram logo reconhecidos pela Igreja como sendo de bruxaria e satanismo (MURRAY: 2003).

Todavia, o que se observa em relação a esses conceitos tanto em Frazer quanto em Murray é a romantização da ideia de reuniões de bruxas e ritos mágicos na Idade Média. Percebemos não se tratar de meras ilusões, mas de algo que permeava as mentes da época. Apesar dessas teorias de uma sobrevivência de um culto pré-cristão durante o medievo hoje ser questionável e até mesmo descartável, não podemos negar que as influências e sobrevivências de algumas crenças antigas que permearam a Europa foram transmitidas de uma maneira a fazer parte do folclore ao longo do tempo:

Um dos maiores problemas teóricos de Murray foi ter confundido mito com rito, nas palavras de Carlos Guinzburg: as imagens de reuniões das bruxas, suas metamorfoses e práticas, realmente não eram meras ilusões fantásticas dos inquisidores, mas refletiam crenças da época e que sobreviveram pelo folclore popular. Não existem provas de que as pessoas se reunissem concretamente durante a Idade Média para celebrar ritos e práticas mágicas de origem anterior ao cristianismo, e sim, de que acreditavam em certas imagens e narrativas (do qual a documentação é testemunha, tanto para os eruditos quanto para a população em geral). Para Guinzburg, existiu a sobrevivência de crenças de origem xamanista euroasiáticas, transmitidas folcloricamente por quase toda a Europa até início da Idade Moderna. (LANGER: 2004, 8)

Em *A Feitiçaria na Europa Moderna* (1995), a historiadora Laura de Mello e Souza afirma que antigas práticas mágicas estiveram presentes em todas as culturas, sempre se relacionando com o universo religioso. Lembra também que muitas dessas práticas teriam um caráter secreto, tenebroso, quase sempre exercidas por mulheres a exemplo de Medeia que, com sua frustrada paixão por Jasão, inicia a fabricação de filtros mágicos em intenções malévolas conforme narra Eurípedes em sua tragédia, ou então a sedutora Circe que na Grécia Antiga

segundo narra Homero na *Odisséia*, atraía e encantava os homens para depois os transformar em animais.

Ambas apresentavam ligações aos cultos lunares e divindades ligadas a fertilidade e a noite, tais como Hécate, Diana, Selene. A mesma ideia aparece nas reflexões de Luck (2004) ao analisar as representações históricas da figura da bruxa/feiticeiros. O autor observa:

Nossos mais antigos testemunhos gregos diferenciam a “Bruxaria” como uma atividade suspeita e talvez ilegal, algo que não podia ser confundido com religião porque (por exemplo) era realizado a noite e não tinha relações com santuários ou religiões estabelecidas. Há outra distinção igualmente importante. Repetidas vezes vemos que a religião de uma cultura, por exemplo dos persas ou dos egípcios, ou de algum povo “primitivo” e culturalmente retrógrado, pode ser vista como “magia” aos olhos de uma cultura mais avançada. A discriminação era frequentemente baseada num simples equívoco, como ilustra a origem da palavra *mageia*, mas também podia ser deliberada. (LUCK, 2004, p.107)

O tom depreciativo que os gregos antigos davam à bruxaria é utilizado também pelo autor, numa postura de valorização das práticas e reconhecimento do seu valor histórico, no entanto, numa postura de defesa utiliza ao longo do seu estudo o termo magia como sinônimo de bruxaria. De fato, no mundo grego pré-helenístico, a magia não era vista com bons olhos pelo Estado ou pela Religião Civil. Como aponta Burkert (1999), estas práticas eram relegadas às regiões de fronteira entre as pólieis ou às vilas; quando presentes na vida da polis, era dentro dos costumes e práticas da religião doméstica que não saía às portas do *oikos*³.

Durante o período helenístico, com a influência alexandrina, o mundo grego foi mais receptivo. As religiões de mistério começaram a multiplicar-se e ganhar uma maior visibilidade. Os mistérios egípcios de Ísis e Osíris começaram a atrair a aristocracia e parte dos governantes.

Práticas como a fabricação de filtros mágicos, poções e venenos eram efetivamente pagãs, e só foi na Baixa Idade Média que essa “magia” pagã foi atrelada a práticas demonológicas. Sobre isso o historiador Nogueira em seu livro *O Diabo no Imaginário Cristão* (2002) afirma:

Em relação ao paganismo, os padres da igreja adotam a mesma atitude dos Apóstolos, reafirmando a presença dos demônios nas divindades do mundo antigo. A seus olhos se um cristão atreve-se a criticar uma crença ou prática

³ Era a unidade básica de organização social grega, como uma família.

depois de esta receber sanção oficial da Igreja, ele só pode ser inspirado por uma divindade pagã, em última instância, um demônio. (NOGUEIRA, 2002, p.31).

Ginzburg (1991) cita em seu livro sobre a literatura demonológica da época entre 1435 e 1437 os textos de um dominicano alemão Johannes Nider, em que o mesmo trata da difusão dos “malefícios” considerados tradicionais, como provocar doenças ou morte, favorecer o amor, e ao mesmo tempo, já desenha uma imagem ainda desconhecida de uma seita de bruxas e feiticeiros, distantes das figuras isoladas dos encantadores e invocadores de malefícios em processo de “elaboração”.

Para Souza (1995), apesar das possíveis interpretações acerca da bruxaria e feitiçaria, há uma espécie de consenso no tocante as figuras de Circe e Medeia que ambas seriam feiticeiras fundamentalmente diferentes das bruxas anônimas que foram perseguidas e queimadas na Época Moderna. Pois no primeiro caso não se fala de um pacto demoníaco, e a feiticeira individualmente realiza seus encantos; já no segundo caso haveria um pacto, uma sujeição ao Príncipe das Trevas, além das práticas agora serem coletivas.

Posteriormente essas práticas mágicas milenares que provavelmente permearam-se em todas as culturas integradas à religiosidade e quase sempre exercidas por mulheres foram aos poucos demonizadas.

Não nos deteremos à análise dessas duas figuras aparentemente iguais, porém com tênues diferenças, entretanto, podemos “simplificar” a partir do que entendemos que as chamadas feiticeiras conhecidas na Antiguidade eram caracterizadas da seguinte forma: as mesmas invocavam as forças maléficas e trabalhavam com elas; já no caso das conhecidas bruxas seriam elas a própria fonte do mal.

Com base nessas informações diferenciamos o que seria bruxaria e o que seria feitiçaria apesar de não ser tão fácil separá-las:

Ultimamente, tornou-se hábito fazer distinção entre bruxa e feiticeira com base na explicação antropológica: a feiticeira invoca forças maléficas e trabalha com elas; a bruxa, por sua vez, é a própria fonte do mal, que dela emana. A diferenciação entre bruxa e feiticeira não é, entretanto desprovida de problemas. Há línguas, como no francês, que não distinguem uma da outra, não possuindo termos adequados para tal: ambas são designadas *sorcière*. (SOUZA: 1995, p.12-13)

No livro *Bruxaria e História as práticas mágicas no Ocidente cristão* (2004) Nogueira afirma que “o mundo da feitiçaria é o mundo do desejo”:

O termo feitiçaria traz consigo a ideia de “algo feito”, para alguns autores estando relacionado ao latim *fatum*= destino. Sua origem europeia parece estar ligada à magia amatória ou erótica, desenvolvida na Grécia, ou, melhor dizendo, às operações mágicas vinculadas aos desejos e paixões amorosas, o que faz com que a feiticeira, além de efetuar elocubrações mágicas, intervinha como intermediária de casos amorosos, com o auxílio da observação e de técnicas comuns e correntes às praticas amorosas. (NOGUEIRA: 2004, p.42).

Constatou-se que “sempre” houve feiticeiras detentoras de forças negativas desde a Antiguidade, como podemos identificar em relatos de Homero e Eurípedes, percebemos que, a grande diferença moderna reside no fato de que tais práticas antes tidas como malefícios, agora passam a “crime de bruxaria”.

Um grande marco no que diz respeito a bruxaria segundo Souza (1995) para distinguir feitiçaria e bruxaria foi a ocorrência do *sabbat*, cujo primeiro registro foi por volta de 1330-40, e que desde então povoou a imaginação de eclesiásticos e leigos. Neste culto, haveria uma grande assembleia demoníaca, onde havia dança, alimentos sexualizados⁴, e se adoraria o demônio como numa missa negra culminando em uma grande orgia:

Com a maioria dos depoimentos sobre o Sabá estão nos processos do Tribunal da Santa Inquisição, e muitos desses depoimentos eram feitos sob tortura, teme-se de formações, ocasionada pelas obsessões de inquisidores e Juizes, portanto, esses depoimentos deixam margem a desconfiança. (AGRA FILHO, 2008, p.09).

Na Idade Média para Nogueira (2004), apesar das condenações, o homem necessitava da presença da feiticeira como “solução” dos seus males físicos e espirituais, no qual as mesmas atuavam na aldeia, nos castelos dos nobres e até mesmo no palácio dos bispos. Portanto, nesse pensamento do medievo havia um resgate da Antiguidade com a ideia da magia benéfica da existência da “boa feiticeira que, na visão popular, e até mesmo na erudita, empregava seus conhecimentos resultantes de séculos de práticas acumuladas de feitiçaria – para curar ou amenizar doenças,” consistindo em um papel de ambivalência.

⁴ Alimentos de formas fálicas, a exemplo de cenouras, pés de porco, salsichas etc.

Para Nogueira (2004) a feitiçaria foi um fenômeno originário de sistemas antigos de praticas agrícolas focalizada na figura feminina a qual desenvolvia tanto a agricultura como papel de sacerdotisas de cultos lunares e ctônicos, e que hoje “ressurge” em um momento “urbano”:

Prática rural de tempos remotos, a feitiçaria muda-se para a cidade durante o período clássico da Antiguidade, para aí estabelecer um ofício, altamente popular na Roma Imperial, para sofrer uma redução de suas atividades na Alta Idade Média, só retomando a sua plenitude com a reurbanização da Europa, que lhe permite contar com uma grande clientela para exercer suas atividades. (NOGUEIRA, 2004, p.48).

Assim, a prática da feitiçaria passa a ser individual, com esse caráter “urbano”, o que a diferencia da bruxaria de caráter rural e coletivo. Segundo Nogueira (2004), “O termo bruxaria aparece pela primeira vez no ano de 589, relacionada às campinas e é fundamentalmente no meio rural que permanecerá localizado”:

Para o entendimento da bruxaria europeia, como vimos, é necessário ter em mente que esta envolve, a priori, um pacto demoníaco; e uma contínua legislação por toda a Europa esforçou-se para diferenciá-la de outras práticas mágicas – pois a bruxaria representava o grande mal, não sendo apenas uma prática herética, contrária à religião -, mas também e repudiou, trocando a boa ortodoxia pela adoração do Mal(...). (NOGUEIRA, 2004, p.56).

Assim percebemos que as atividades relacionadas à feitiçaria tais como o uso de ervas, unguentos e etc, para Nogueira (2004) foram “transmitidas” para a feitiçaria medieval. Ou seja, a representação mental da feiticeira greco-romana foi “transferida” para a feiticeira medieval:

As feiticeiras são essenciais às substancias acreditadas como depositárias de propriedades mágicas e a sua preparação – quanto mais não fosse para a confecção de venenos e perfumes – para atingir o fim desejado, daí nascendo a imagem comum ao período medieval e ao Renascimento (...) presente em inúmeros processos inquisitoriais e na literatura da época. (NOGUEIRA, 2004, p.43).

Com base nos pressupostos citados sabemos que tais práticas e crenças pagãs de origens xamanísticas que permearam a Europa foram transmitidas através do folclore ou de narrativas responsáveis para a construção da imagem da bruxaria já que, no início da Época Moderna, como afirma Souza (1995), a audição tinha

maior importância que a visão, ao passo que parte da sociedade era iletrada e dependente da transmissão oral. Por outro lado, as elites redescobriam Aristóteles e Platão a exemplo da Academia Florentina de Lourenço de Médicis: quase toda a população europeia continuava analfabeta. Sendo assim, histórias, contos e lendas permeavam o cotidiano, as narrativas de viagens e seres fantásticos, então não menos diferente, lá estava a figura da bruxa, que no decorrer do tempo foi assumindo diversas formas.

Mas afinal como seria essa bruxa? Qual sua forma? Se analisarmos calmamente percebemos que se formou um estereótipo da bruxa, desde nossa infância tememos as bruxas, onde geralmente são velhas, enrugadas, desdentadas, com suas risadas estridentes, cabelos desganhados, roupas pretas e sempre a mexer um caldeirão fumegante, onde é lançado no seu interior, as coisas mais nojentas e fantasiosas. Continuando, Souza (1995) afirmará que “esse estereótipo já se encontrava definido no início da época moderna: mulheres sozinhas, solteiras, viúvas, eram os alvos “principais” de acusação, e se fossem velhas e “feias” as suspeitas aumentavam”:

Essa tendência em desprezar e condenar mulheres decrepitas constitui, segundo Delumeau, a vertente negativa do apreço renascentista pelas carnes duras das belas ninfas e das Vênus nuas. Não são poucas as representações pictóricas do período que retratam velhas desdentadas, descabeladas, de seios caídos e coxas flácidas voando em direção ao sabbat ou assessorando algum demônio nos suplícios infernais. (SOUZA, 1995, p.15)

Outra característica seria a inclinação de que as bruxas teriam de destruir as colheitas e o fruto das uniões entre os homens. A precariedade da vida na época, a miséria causavam grande mortalidade infantil, então, tanto no meio rural como urbano a bruxa seria usada como uma espécie de bode expiatório e claro, sempre tendo a ajuda maléfica dos espíritos familiares zoomórficos. Portanto, a bruxa é a “mulher-má” que ao invés de ser uma boa cristã e cumprir suas obrigações, resolveu pactuar com o Demônio, tornando-se uma de suas servas e um dos seus mais poderosos instrumentos. A bruxa é odiada e temida. Conhecedora de segredos e mistérios, controladora do sobrenatural sobre o qual o cristão comum não tem, e nem deve ter, o menor controle, tentadora dos homens, é vista como uma séria ameaça à comunidade, que deve ser purificada pelo seu martírio.

Assim a bruxaria seria uma irreligião, uma nova forma de malefício que surgia em forma de um ritual onde se rendiam homenagens ao Diabo e como parte desse rito aconteceria a profanação dos sacramentos e símbolos cristãos:

No sabbat, dançava-se, tocava-se música, comiam-se pratos extravagantes, mas insípidos, preparados sem sal. Os alimentos eram às vezes sexualizados; as bruxas levavam à assembleia salsichas, pés de porco e cenouras, sugestivos pela forma fálica, impudica. Adorava-se o Diabo reverenciando-o com uma missa às avessas e com beijos em sua cauda e ânus. Depois era orgia total, sem distinção de sexos e com a participação dos demônios familiares em forma de animais. Ocorriam às vezes sacrifícios humanos ou caldeiras de crianças, muito apreciadas. (SOUZA, 1995, p.22).

Explicações sobre as praticas da bruxaria são várias, desde especulações a teorias cuidadosamente analisadas, mas, com isso percebemos que do medievo para o inicio da chamada Idade Moderna existia um imaginário para explicar os medos, ou seja, uma mentalidade própria desse período.

A bruxaria no século XVI foi um problema tão real e “palpável” quanto as epidemias da peste negra, fome e etc. Pois se encontrava no inconsciente coletivo pela sua construção em algum dado momento. Para Souza:

(...) bruxas são definidas e têm existência a partir do momento em que são perseguidas. Foram os caçadores de bruxas que lhe desenharam o perfil aterrorizador, estereotipado nas denúncias e no corpo dos processos laicos e eclesiásticos, nos manuais de inquisidores e dos tratados demonológicos. (SOUZA, 1995 p.13).

O período que vai do final da Idade Média para o início da chamada Idade Moderna por volta do século XIV, foi marcado por rupturas, mas muitas continuidades. Novos paradigmas, novos pensamentos “racionalis” surgiam nos âmbitos em relação a costumes, religiosidade, ambiente político e social, em detrimento a uma época de “racionalidade” que seguia os séculos posteriores e por ser uma das épocas, a nosso ver, mais marcantes da humanidade onde mulheres e homens eram perseguidos sob acusação de praticarem bruxaria e serem pactuantes com o Demônio.

Em *História Noturna* (1991) Ginzburg mostra que no início do século XIV, na parte central da Europa, começaram a surgir rumores e pânico acerca de conspirações malignas que estariam tentando destruir os reinos cristãos através de magia e envenenamento. Depois da enorme devastação decorrente da peste

negra(que vitimou 1/3 da população europeia em meados do século XIV) esses rumores aumentaram e passaram a focar mais em “bruxas” e “propagadores de praga”: precisavam de um “bode expiatório” para explicar todos os males desse período, precisava-se de um culpado:

O uso frequente do termo “sinagoga” nos registros dos tribunais para designar a assembleia bruxesca indica como os juizes identificavam um parentesco próximo das bruxas com outros tipos de inféis e heréticos, equiparando o seu “culto perverso” à conhecida e odiosa assembleia dos judeus. (NOGUEIRA, 2004, p.61).

Até o presente momento do nosso trabalho percebemos que assim como nesse período do medievo a modernidade essa imagem da bruxaria e por conseguinte, a da(o) bruxa(o) ganham formas que até hoje permeia na nossa sociedade “quadros fieis” “descritos” nesses períodos, afinal, o que seria esse culto da bruxaria hoje?

Para Claudiney Prieto (2000) um dos primeiros representantes no Brasil a escrever um livro sobre a “bruxaria moderna”, Wicca, ou “Religião da Deusa”, afirma que a mesma seria um (re)avivamento da Antiga Religião dos homens primitivos que remontam aos cultos do período Paleolítico e Neolítico, onde as crenças seriam baseadas nos ciclos da natureza e focadas no culto ao feminino e mistérios da fertilidade. Percebemos em suas palavras um discurso parecido com o de Margaret Murray já questionado no início do nosso texto sobre uma sobrevivência de antigos ritos que de alguma forma foram guardados e agora estão sendo “resgatados” e a crença em um Deus e uma Deusa:

A Wicca busca recuperar o Sagrado Feminino e o papel das mulheres na religião como Sacerdotisas da Grande Mãe, além da complementaridade e do equilíbrio entre homem e mulher, simbolizados pela Deusa e pelo Deus, que se complementam. A Wicca dá à Deusa um papel preponderante tanto nas suas práticas quanto nos seus mitos. É, dessa forma, a principal Divindade adorada e invocada nos ritos sagrados. (PRIETO, 2000, p.14).

Novamente aqui talvez surja o questionamento sobre a afirmação de que a Wicca remonta a uma “antiga religião”. Sabemos então que a chamada “bruxaria moderna” “ressurge” na década de 50 em um pós-guerra, um período de grandes mudanças comportamentais de paradigmas, de conceitos, uma reestruturação da sociedade, no decorrer dos anos, se fundindo a outros movimentos:

Assim, o surgimento da wicca acompanha esse momento de profundas transformações sociais culturais, de mentalidades e epistemológicas e a partir da década de 1960, sofrendo grande influência pelo movimento feminista, buscando na mesma fonte deste movimento à base para a construção de seu discurso e por isso aparecendo como uma religião que combate os valores centrados no masculino e monoteísta. (LIMA, 2004, p.13).

Chamamos a atenção apenas para um discurso feminista muito presente nas tradições de wicca a partir das décadas de 1960 e 1970, talvez apenas como um pressuposto para (re)afirmar a crença em uma Deusa, que é o de colocar a mulher em um patamar mais alto combatendo conceitos e valores de uma sociedade patriarcal. Percebemos, na verdade, que a bruxaria tem sido cada vez mais objeto de estudo, de hipótese e confusões entre historiadores e o meio acadêmico. Um exemplo disso seria em *Wicca: A religião da Grande Deusa* em que Pereira (2003) equivoca-se ao abordar a questão da “bruxaria moderna” utilizando unicamente uma bibliografia (nas palavras da própria autora) “de cunho esotérico” onde seus autores todos são representantes e praticantes de wicca, parecendo mais uma ode à “bruxaria moderna” do que o levantamento de uma problematização e compreensão do tema.

Diferentemente de Pereira (2003), no nosso trabalho, com base nos pressupostos acima mencionados a respeito dos estereótipos e das concepções de bruxaria que foram construídos ao decorrer da história, tentaremos analisar os discursos proferidos a respeito da bruxaria no tocante a cidade de Campina Grande entre os anos de 2000 a 2010, para tanto, apontamos teoricamente na História Cultural, campo esse que nos forneceu o aporte teórico a partir do conceito de representação de Chartier. Mas o porquê dessas análises? Por que a bruxaria se torna um objeto de estudo e preocupação para historiadores?

Segundo Pesavento (2005) o enfoque histórico começa a mudar a partir do que se chama crise dos paradigmas, o que faz surgir um novo olhar da História Cultural, representação construída sobre o mundo os quais fazem com que o homem reflita sobre a sua realidade e a sua existência. Existem posturas que irão reorientar a dos historiadores nesse novo olhar da História, um desses conceitos seria a *representação*.

A autora aborda que essa seria a categoria central da História Cultural, assim vemos que as representações formam uma realidade paralela, mas “fazem os

homens viverem por elas e nelas” (p.39). E são expressas por normas, discursos, imagens e ritos, sendo portadoras do simbólico, assim, dizem mais do que aquilo que mostram ou enunciam, já que a representação tem a capacidade de substituir a realidade que representa.

A História Cultural, segundo Chartier (2002), torna-se importante para identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler. E com isso, ao voltar-se para a vida social, esse campo pode tomar por objeto as formas e os motivos das suas representações e pensá-las como análise do trabalho de representação das classificações e das exclusões que constituem as configurações sociais e conceituais de um tempo ou de um espaço. No entanto, a História Cultural deve ser entendida como o estudo dos processos com os quais se constrói um sentido, uma vez que as representações podem ser pensadas como “(...) esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado” (CHARTIER, 2002, p.17).

Tal conceito nos permite compreender como os discursos produzidos a respeito da bruxaria criam representações, representações essas que inculcam valor a subjetividade de uma negatividade a respeito da bruxaria e seus adeptos. Estas representações construídas pela mídia, pelos discursos religiosos ao emitirem valores constituem identidades aos adeptos dessa religião. Para compreender como essas identidades são construídas recorreremos ao conceito de identidade em Stuart Hall, onde o mesmo afirma que o homem moderno vem se “descentrando”, se deslocando através de várias rupturas ocorridas nos discursos modernos, já que cada indivíduo se apropria de determinada representação/identidade, com isso as identidades se tornam mais flexíveis e desvinculadas.

No mesmo momento podemos compreender de que forma os “bruxos(as) modernos(as) que estiveram presentes no IV Encontro Paraibano de Neopaganismo na cidade de Campina Grande partindo das imagens e discursos construíram uma identidade, por exemplo, como a mídia e outros discursos religiosos interferiram na constituição da identidade, dos preconceitos, dos estereótipos, por conta dessas ideias vinculadas.

2. IMAGENS, SOMBRAS E DISTORÇÕES

*“Rodemos todas, todas rodemos
Nós três em volta dessa caldeira.
E no seu bojo joguemos logo
Muitas vísceras envenenadas.
Sapo que por sobre a pedra fria,
Trinta e um dias e trinta e uma noites,
Abrigaste todo o fatal, veneno
Que este teu corpo pegajoso exsuda,
Sê tu o que coza, primeiramente,
Dentro do nosso caldeirão encantado.
(SHAKESPEARE).*

Esse trecho pertence à obra intitulada *Macbeth* (1604 – 1605) do considerado maior dramaturgo da literatura universal, William Shakespeare. Trata-se de um momento em que três bruxas se reúnem em uma caverna escura, e em seu centro existe um caldeirão fervendo onde as mesmas lançam em seu interior os ingredientes mais inusitados e nojentos para a realização de um encantamento.

Essa mesma imagem hoje é vista em livros, filmes, desenhos e etc; bruxas voando em vassouras e fazendo feitiços com as coisas mais estranhas que permeiam nossa sociedade. Como já tratado no primeiro capítulo deste trabalho percebemos em dados momentos da história como a bruxaria/bruxa(o) foi sendo definida e “formada” e que talvez o próprio tempo tenha se encarregado de cristalizar essa forma.

O filme estadunidense *Season of the Witch* com o título em português “Caça às Bruxas” lançado em 2010 fala da história de um cavaleiro no período das Cruzadas encarregado de levar uma jovem acusada de ser bruxa até um monastério distante, onde na trajetória o demônio age através da mesma, ou seja, a bruxa é representada como o próprio mal, como uma agente do diabo criando assim uma “realidade” do que é ser bruxa, já que, segundo Pesavento (2005), a “representação tem a capacidade de substituir a realidade que representa, construindo o mundo paralelo de sinais no qual as pessoas vivem”.

Não é difícil encontrar informações sobre o tema (bruxaria) vinculando pela internet das mais variadas opiniões, a exemplo dessa citação retirada de um site:

A bruxaria em geral, tornou-se popular principalmente entre os adolescentes que são influenciados por desenhos animados que mostram os personagens principais como sendo bruxinhos do bem; superprodução de Hollywood e seriados nos quais alguns adolescentes dominam o poder da bruxaria.(SHVOONG, 2010).

A partir da citação acima, verificamos como já está de certa forma cristalizada a imagem do que seria a bruxaria, um culto demoníaco de pessoas más por natureza, algo perverso e temido, que nas palavras do autor acima citado, o fato desses personagens serem retratados como “bruxinhos do bem” causa certa estranheza.

Segundo Perico, um representante de bruxaria em seu discurso ele (re)afirma a ideia ainda muito presente na sociedade no tocante a índole dos praticantes de bruxaria hoje:

(...) já me perguntaram algumas vezes: “mas tu é bruxo do bem né?” “você não cultua o diabo né?” me perguntaram isso várias vezes muitas vezes, então você vê que não é uma coisa isolada, as pessoas te olham muito às vezes como se “coitado, tá perdido” porque eles ficam com pena, porque você é uma pessoa legal, mas infelizmente vai para o inferno, que chato. (PERICO, 2011).

Esses discurso e imagens são (re)produzidos e estruturam o real onde essas representações são criadoras de símbolos. Segundo Chartier (2002), trata-se de símbolos que, por meio das práticas culturais imprimem determinada leitura de mundo, em um dado lugar. Assim é talvez inadmissível uma leitura de mundo no tocante a bruxaria onde existam “bruxos bons”, já que tal imagem nefasta foi por tanto tempo e ainda o é tão reforçada.

Mas para continuar a discutir essas representações sobre a bruxaria, tentaremos neste momento compreender o que seria o culto da bruxaria hoje, já iniciado no primeiro capítulo. Vemos então que a chamada “bruxaria moderna” ou “religião da Deusa” (re)surge na década de 50 com o britânico Gerald Gardner, o qual seria um culto que remetia a antigas práticas a uma Deusa e seu Consorte.

É considerado por seus representantes como uma religião que busca na natureza seus ensinamentos a celebrando, sendo os seus Deuses a própria natureza

(...) bruxaria é uma religião é um nome que se da, um nome primitivo que se da a uma prática de espiritualidade centrada na natureza nas forças que regem esse planeta e cujas práticas colocam o homem em contato com essas forças que por nós são compreendidas como Deuses como forças deificadas. (PRIETO, 2011).

No decorrer do tempo, várias tradições de bruxaria ou Wicca surgem mesclando ideias de outros movimentos tais como movimentos ecológicos e feministas na década de 60 e 70, com o discurso para fortalecimento de suas crenças a partir da existência de sociedades arcaicas, onde a figura da mulher teria um caráter divino e sagrado e uma íntima ligação com a natureza, o que desencadeou um turbilhão de mudanças, quebras de conceitos e novos olhares.

De acordo com Starhawk⁵, uma das representantes mais conhecidas a nível internacional, mostra que falar sobre bruxaria ainda é um tabu, percebemos isso em suas palavras:

Bruxaria é uma palavra que assusta a muitas pessoas e confunde outras. No imaginário popular, as Bruxas são feiticeiras velhas e feias voando em cabos de vassouras ou satanistas terríveis atuando em ritos obscenos. As Bruxas modernas são consideradas integrantes de um culto maluco, basicamente preocupadas em amaldiçoar os seus inimigos através da perfuração de imagens de cera com alfinetes e carentes de profundidade, de dignidade e seriedade de propósitos de uma verdadeira religião. (STARHAWK, 2003, p.33).

É curioso percebermos que mesmo com análises, questionamentos e interpretações acerca da bruxaria, esse estereótipo da Idade Média e Moderna continua presente, mostrando assim, que a história também é de continuidades. Ou seja, em pleno século XX onde movimentos chamados esotéricos ganharam força a partir do movimento da “Nova Era”, e das crises que assolaram e por que não dizer que ainda assolam o pensamento da população, mesmo com o crescimento da chamada bruxaria moderna ganhado força, adeptos de tais imagens persistem.

Mas uma coisa que não podemos esquecer em relação às interpretações sobre a bruxaria, tanto para praticantes, simpatizantes ou não, é que os mesmos

⁵ Conhecido como nome da Arte, quando se é realizada a iniciação na bruxaria adota-se um novo nome no qual fica-se conhecido na comunidade pagã.

não são apenas “consumidores” passivos, mas, formulam e concebem conceitos ou não no tocante às representações da bruxaria, como afirma Certeau (1996):

A presença e a circulação de uma representação (...) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário sinalizar a sua manipulação pelos praticantes que não fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção de imagens e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização. (CERTEAU, 1996, p.40).

Com isso notamos que apesar de Gardner, Murray, Frazer entre outros que trouxeram teorias de um resgate de antigas práticas pagãs de onde o (neo)paganismo e a Wicca, em especial como “bruxaria moderna”, se apropriam de tais práticas e formam uma estrutura religiosa em uma tentativa de desmistificar a imagem da bruxaria demoníaca, que ainda é a característica mais marcante quando se fala em bruxaria/bruxa(o), já que não há uma atitude passiva dos indivíduos que absorvem as informações, pois os mesmos vão observar apenas o que lhes interessa para depois utilizar à sua vontade.

Um fato interessante é que mesmo com essa imagem que persiste na maioria das vezes, é notório o crescimento dessa religião segundo alguns dados:

No Brasil, há vários títulos sobre Wicca disponíveis nas livrarias. E todos popularescos. Pode-se averiguar a extensão do fenômeno medindo-o em outro fenômeno, o site de buscas Google. Na internet, em 2004 eram pouco mais de 20 mil as páginas em português sobre o tema. Em 21 de março de 2005 digitando-se a palavra “wicca” em www.google.com, obteve-se 66.100 resultados em português e 57.300 em páginas brasileiras. Em 7 de fevereiro de 2006 obteve-se 264.000 páginas em português e 164.000 em páginas brasileiras. Em 15 de março de 2007 eram 315.000 páginas em português, sendo 167.000 no Brasil. (BOSTULIM, 2007).

Talvez aqui possamos perceber as rupturas, até porque nem só de continuidades “vive” a História. Com esse crescimento, essas rupturas, de modo específico, aqui na Paraíba, encontramos em sites de relacionamentos como o Orkut comunidades direcionadas para praticantes e simpatizantes com títulos como *Wicca – João Pessoa/PB* com 304 membros, *Parahyba Pagã* com 155 membros e especificamente na cidade de Campina Grande, *Encontro Paraibano de Neopaganismo* com 75 membros. Não obstante, não estamos com isso dizendo que

os praticantes dessa religião se resume a esses números, mas, apenas para registrar esse crescimento.

O evento registrado por esse site de relacionamento (Orkut) refere-se a um encontro que acontece já há quatro anos na cidade de Campina Grande – PB, o ENC.PB.NP (Encontro Paraibano de Neopaganismo), vinculado ao Encontro da Nova Consciência, que acontece há vinte anos durante o período de carnaval, reunindo diversas religiões, religiosidades e filosofias para um diálogo inter-religioso. No caso do ENC.PB.NP trata-se de um evento que promove o diálogo inter-religioso entre os adeptos das mais diferentes tradições religiosas étnicas tidas como não-cristãs, considerada a Wicca uma delas.

Acreditamos que esse crescimento tem como consequência a intensa revivência do ocultismo na segunda metade do século XX, com os sentimentos de “crise” que permeava a sociedade em um período de pós-guerra. Sabemos que a igreja teve sua hegemonia conturbada desde os movimentos chamados heréticos da Idade Média, indo em direção à Renascença e o Humanismo, posteriormente à Reforma Protestante, o Iluminismo até à chegada do capitalismo e o Marxismo, no qual o indivíduo servia de base para todo o progresso.

Há uma busca incessante, dos anseios do indivíduo de novos olhares da busca pelo “novo” que é característica de uma pós-modernidade caracterizada por um “consumismo” no qual, segundo Bauman (2001), o comportamento mais sintomático desta sociedade – que se associa ao individualismo - é o consumismo. Ele demonstra como as pessoas compram não apenas produtos materiais, como tratam outros indivíduos como bens de consumo, inclusive nas relações amorosas. Mais que isso, veem a si mesmo como portadores de identidades múltiplas e alcançáveis mediante esforço de identificação junto ao outro e consequente auto-representação.

Esse consumismo anexa pessoas ao indivíduo com a intenção de ocupar espaço social junto ao outro, e busca neste, a aprovação para sua identidade fragmentária e fluida. Logo, nesta sociedade, que não é mais vista como produtora e sim consumidora, tudo se relaciona a bens consumíveis, inclusive a religião.

Houve assim, uma secularização das práticas religiosas na nossa contemporaneidade e, por conseguinte, o crescimento de “produtos” que satisfaçam e supra essas mudanças e buscas:

(...) três fatores que teriam sido fundamentais neste processo: a individualização, ou seja, a tendência da religião a localizar-se cada vez mais na esfera privada da vida social, constituindo um assunto de escolha ou preferência do indivíduo ou do núcleo familiar. Este processo, por conseguinte, ao situar a religião no nível das escolhas individuais, teria gerado um quadro de pluralismo, no qual as tradições religiosas disputam as submissões de suas populações numa situação de mercado. (CAMPOS e GUSMÃO, p.06).

Há, portanto, uma crise religiosa nas religiões tidas como convencionais, explicando assim o crescimento de religiões tidas como “esotéricas” ou “alternativas” onde a Wicca como bruxaria moderna se encaixa. Então acreditamos que diante dessas mudanças, desses novos modelos “criados” no último século, a Wicca foi e tem sido uma religião que se “adaptou” perfeitamente a todo esse contexto o que seria a causa de seu crescimento.

Quebrando, sim, um pouco, as imagens e representações sobre a bruxaria/bruxa(o) hoje, mesmo que ainda de forma lenta deparando-nos com representações solidificadas e (re)afirmadas inclusive outros discursos religiosos.

Em uma palestra que se sucedeu em 2007, no Teatro Municipal Severino Cabral, na cidade de Campina Grande – PB, no Encontro da Nova Consciência, em uma palestra sobre Sagrado Feminino, ministrado por duas adeptas da bruxaria Wicca, os presentes foram surpreendidos com um tumulto que acontecia na porta do local da palestra, alguns policiais, sem entender direito do que se tratava, nos aproximamos e notamos que na verdade se tratava de um grupo que se denominavam como evangélicos, que queriam entrar na palestra com tochas e latas de fogo em mãos, alegando que a palestra se tratava de bruxaria, algo maléfico.

Ideias assim ainda são muito presentes em alguns discursos religiosos havendo a (re)afirmação do velho estereótipo da bruxaria/bruxa(o) como representações demonizadas:

Aparte das diversas seitas satânicas, que também têm experimentado um crescimento surpreendente nos últimos tempos, todas as seitas neopagãs tentam se desvincular de sua imagem inerentemente demoníaca-principalmente as seitas de caráter mágico, como as diversas formas de Wicca, Asatru e Druidismo - alegando que adoram arquétipos representativos da natureza. Contudo, não faltam referências a Miríá, desde deuses pagãos, especialmente deuses do período clássico, como Diana, Ártemis, Pan e vários outros deuses locais, dependendo da religião pagã que alegam ser sua fonte de inspiração, geralmente ídolos vinculados à natureza. E tais entidades, acreditam, se manifestam em seus cultos a ponto de serem “incorporadas” por seus sacerdotes ou sacerdotisas, como é o caso do ritual de “puxar a lua para baixo” da Wicca. (PEDROSA, 2011, p.03).

No texto acima citado percebemos que principalmente as religiões tidas como judaicas-cristãs, classe teoricamente dominante, rejeitam a ideia dessa desmistificação da bruxaria criando sua própria representação de mundo. Para Chartier (2002), essa representação do mundo está ligada à posição social dos indivíduos, e, logo, histórica haja vista que são construídas no decorrer do tempo. Assim, a representação funciona na prática como uma estratégia de classe, formando então uma gama de representações sociais onde cada classe elabora o real a seu modo. O que percebemos então é que as classes das religiões tidas como “tradicionais” formam seu conceito de “real” no tocante a prática da bruxaria moderna onde não há uma desmistificação do batido estereotipo.

Mas, como já citado, os indivíduos não são apenas meros reprodutores de informação, os mesmos se apropriam de algo e formulam seus conceitos. Conforme Chartier (2002), notamos que essa apropriação é uma forma de como os indivíduos dão sentido ao que veem e leem, ao tratarem da construção de sentido e interpretação e por conseqüente, tornando-as históricas.

Tomando como base o que se escreve sobre a bruxaria/bruxa(o) hoje, por seus adeptos na tentativa de sua desmistificação, nesse campo da leitura, os fatores que determinaram essa apropriação são as competências do leitor, que derivam, por sua vez das práticas de leitura que o mesmo possui, seja dispositivos discursivos, formais ou materiais.

Além disso, a bruxaria/bruxa(o) dentro dessas práticas culturais hoje na nossa sociedade serve como alvo de cumprimento de uma “ordem” que permeia nas religiões tidas como evangélicas onde é afirmado “Os deuses dos pagãos são demônios” (Salmos XCV, 5), nos diz a Sagrada Escritura, contrariando à alegação dos praticantes da Wicca de que eles não adoram ao diabo”. (PEDROSA, 2011, p.03).

A nosso ver então, o fato desses representantes de outra religiosidade verem os deuses e práticas da bruxaria moderna como demoníacas é uma representação cultural.

Essa postura de aversão em relação aos chamados bruxos(as) modernos(as) gera “práticas”, mais especificamente costumes e modos de convivência. Fazendo parte do conjunto das “práticas culturais” da sociedade, assim como os “modos de vida”, as “atitudes” como hostilidade, desconfiança, medo ou as

normas de convivência a exemplo de manter distância, por levar uma orientação religiosa tida como “convencional”.

Tudo em função de uma imagem negativa afirmada, reafirmada e cristalizada ao longo do tempo desde a Idade Média e Moderna chegando até nossa contemporaneidade percebida e sentida nas palavras de seus praticantes hoje:

(...) essa imagem que você tem física da bruxa é como você tirasse um retrato do que se falava na Idade Média e colocasse agora, o que também na verdade é mal compreendido porque se fala assim “ a bruxa usava chapéu pontudo”, mas quando você olha aqueles retratos da Idade Média ou mesmo depois renascentistas, tem muitas damas da corte ou mesmo senhor, independente, homens também que tem um chapéu pontudo fazia parte da indumentária, parte da moda, você vê senhoras com chapéus com véus e coisas assim. Ai falam assim “não, a bruxa usa o caldeirão”, mas tudo mundo usava caldeirão era a panela da época, então o padre também usava o caldeirão, todo mundo usava, mas, é aquele retrato que é trazido agora o que acontece, muita gente que segue a bruxaria agora quer se vestir com aquela imagem da época, justamente até por uma autoafirmação porque essa pessoa de hoje também é influenciada por aquele modelo, então também para essa pessoas muitas vezes ser bruxo é ter aquele chapéu pontudo é ter aquele caldeirão é ter tudo aquilo(..). (PERICO, 2011).

No texto acima citado notamos que nas palavras do autor essas representações criadas na Idade Média influenciam até mesmo na construção de uma identidade para alguns adeptos da bruxaria moderna, onde alguns se transvestem de um estereótipo vinculado e difundido tão fortemente na nossa sociedade através de livros, imagens, filmes etc.

Como exemplo, podemos citar os livros que posteriormente se transformaram em filmes da escritora britânica J.K. Rowling, a série *Harry Potter*, que é permeado de imagens de bruxos com caldeirões fumegantes, encantamentos e feitiços complexos, ingredientes estranhos, que mesmo trazendo uma mudança nas índoles de seus personagens que agora são jovens bruxos do “bem” trazem os mesmos conceitos do que seria a bruxaria na Idade Media de fazedora de poções “esfumaçadas e estranhas”:

Os ingredientes tinham de ser acrescentados ao caldeirão na ordem e quantidade precisas; a mistura tinha de ser mexida o número exato de vezes, primeiro no sentido horário, depois no anti-horário; o calor e as chamas em que a poção ia cozinhar tinha de ser reduzidos a um nível exato, por um número específico de minutos antes do último ingrediente ser adicionado. (...) Harry, que suava profusamente, correu o olhar desesperado pela masmorra. Seu caldeirão estava liberando uma enorme quantidade de vapor cinza-escuro; o de Rony cuspiam fagulhas verdes. (ROWLING, 2003, p.195).

Podemos aqui ver outra ruptura em relação a como esses bruxos são retratados especificamente referente as suas índoles, mesmo ainda existindo um maniqueísmo retratado pela autora colocando bruxos do bem versus bruxos do mal, ou seja, mesmo se tratando de uma obra de ficção, a mesma mantém um pouco a representação da bruxaria/bruxa(o) concebida na Idade Média como voar em vassouras, causar malefícios a prática de “artes das trevas” etc.

Acreditamos que um dos motivos dessas permanências seja uma construção de uma memória coletiva que perpassou o tempo-espaço:

A priori, a memória parece ser um fenômeno individual, algo relativamente íntimo, próprio da pessoa. Mas Maurice Halbwachs, nos anos 20-30, já havia sublinhado que a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes.

Se destacamos essa característica flutuante, mutável, da memória, tanto individual quanto coletiva, devemos lembrar também que na maioria das memórias existem marcos ou pontos relativamente invariantes, imutáveis. (POLLAK, 1992, p.02).

Seja esse um dos fatores que essas representações continuem criadas individualmente e coletivamente e ao longo da história reforçada. Ainda nas palavras de Pollak (1992, p. 02):

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo.

Acreditamos que a construção das identidades dos bruxos(as) modernos(as), a partir de discursos evocados e transmitidos enfaticamente na nossa sociedade bem como frutos de uma memória coletiva construída, influenciou de maneira romantizada os indivíduos adeptos da bruxaria moderna a se transvestirem com algumas “roupagens”, imagens e “características” do que seria a bruxaria, convencidos por um pensamento coletivo dessas ideias e formando assim suas identidades. Notamos isso nas palavras de Perico (2011) quando o mesmo afirma:

Há uma romantização, as pessoas falam por exemplo “ah, bruxo se veste de preto” mas, ninguém vestia colorido, o povo, porque os pigmentos eram caros por isso se originou as navegações foram originadas né, para descobrir especiarias e pigmentos na Índia, o Pau-brasil, roupa colorida era uma coisa só da elite, então não tinha isso, a própria pessoa fazia uma roupa de repente num tear normalmente cru, um tecido cru e trocava a roupa uma vez por ano, uma vez quando fosse sabe... a mesma coisa que o banho, tomava banho de vez quando essa falta de higiene que fez, um problema de uma serie de doenças inclusive a peste. Então é assim, bruxo usava preto? Todo mundo usava um mesmo tipo de roupa tudo as mesmas cores, você não tinha assim o povo usando uma túnica imunda de um ano e você tem bruxos usando preto, não, usava a mesma túnica a mesma coisa e iam pra floresta fazer as coisas.

Já que os adeptos também se apoderam de tais informações que são sugeridas a um prazo de tempo e modificam, reformulam e adequam as suas vontades e necessidades, reformulando tais representações na sociedade, exemplo percebido na fala acima onde o mesmo questiona a característica de que bruxos(as) se vestiam de preto para realizar algo. Então tais indivíduos enquanto “consomem” tais práticas, também as produzem, criam e subvertem da melhor forma que lhe favoreça e convenha, o que concerne à religião (bruxaria), ou seja, referente a representação absorvida e o comportamento ou prática da religião (bruxaria) devemos notar como e o que cada adepto “fabrica”, baseando-se no conceito de Certeau (1996, p. 39):

A “fabricação” que se quer detectar é uma produção, uma poética – mas escondida, porque ela se dissemina nas regiões defendidas e ocupadas pelos sistemas de “produção” (...) racionalizada, expansionista além de centralizada, barulhenta e espetacular, corresponde outra produção qualificada de “consumo”: (...) silenciosa e quase invisível, pois não se faz notar com produtos próprios mas nas maneiras de empregar os produtos impostos por uma ordem econômica dominante.

A partir disso, as discussões tomam enfoques diferentes, visto que a bruxaria hoje é vista por alguns como algo nefasto e temido, por outros é vista como uma religião, uma das mais antigas e sábias, a partir das apropriações de cada indivíduo, e a partir dessas apropriações e representações, criaram suas identidades, algo que discutiremos no nosso terceiro capítulo.

3. ENTRE O CÁLICE E O ATHAME

Mas a Bruxaria é uma religião, talvez a mais antiga religião existente no Ocidente. Suas origens são anteriores ao Cristianismo, Judaísmo e ao Islamismo; até mesmo ao Budismo e ao Hinduísmo, e é muito diferente de todas as supostas grandes religiões. A Antiga Religião, como a denominamos, está em essência mais próxima às tradições nativas americanas ou xamanismo do Ártico, ela não se baseia em dogmas ou em um conjunto de crenças, nem tampouco em escrituras ou num livro sagrado revelado por um grande homem. A bruxaria retira os seus ensinamentos da natureza e inspira-se nos movimentos do sol. Da lua e das estrelas, no vôo dos pássaros, no lento crescimento das árvores e nos ciclos das estações. (STARHAWK, 2003).

Encontraremos respostas bem similares a essa acima citada quando buscamos o conceito de bruxaria hoje para os seus praticantes, como já falado anteriormente essas praticas criam identidades. Como também os discursos negativados sobre a bruxaria/bruxa(o) criam identidades negativas sobre a mesma. Mas se formos analisar essa(s) identidade(s) segundo Hall (2002) chamada “modernidade – tardia” há uma crise de identidades, levando em consideração os “novos movimentos sociais” na década de 60, (re)modelando estruturas e modelos de família, de sexualidade, religiosidade entre outras questões.

Então tudo isso se intensificou com a chamada globalização, com o desaparecimento das fronteiras nacionais, o que interliga os indivíduos, e, por conseguinte, a identidade nacional abre espaço às identidades regionais e locais dividindo-se em “partículas”, a chamada identidade sólida e homogênea, na qual tais indivíduos constroem a partir de sistemas de representações.

Os indivíduos não se percebem distantes de representações para ver o mundo, ou seja, sua visão de mundo “concretiza-se” a partir de suas representações, onde essa mesma identidade age como uma possibilidade representativa que é assim vivenciada de forma escolhida ou imposta. No entanto, ao considerarmos que as identidades podem ser múltiplas em uma única pessoa, para Hall (2002), esse homem moderno vem passando por uma “descentramento”.

Com isso, cada individuo formula um conceito sobre a bruxaria tomando como base uma representação ao que de uma maneira subjetiva emite valores negativos ou não formando identidades.

Toda identidade se afirma a partir de uma diferença, onde através de algumas características é “possível” identificar um determinado grupo, com isso, o que identificaria então a bruxaria/bruxa(o) hoje?

Partindo do pressuposto de que as práticas culturais formam identidades, então notaremos que as praticas da “bruxaria moderna” ou Wicca são caracterizadas por seus adeptos bem diferentes dos discursos “convencionais”. Onde não há lugar para bruxas voando em vassouras e utilizando “coisas nojentas” em seus caldeirões. Nas palavras de um dos presentes na ocasião da realização do IV Encontro Paraibano de Neopaganismo:

“(…) uma das possíveis traduções de bruxo em outros idiomas é “arte dos sábios” ou mesmo em português uma das possíveis é que tenha vindo da palavra “*Plus scios*” uma palavra latina que *Plus* (mais) *scios*(saber) é aquela pessoa que mais sabia numa aldeia, Então a origem da palavra é uma palavra bonita em qualquer idioma, basicamente, a palavra não é feia no sentido pejorativo, o sentido pejorativo veio com essa imagem que foi plasmada da Idade Média.” (PERICO, 2011).

A partir deste discurso, afirmamos que a Wicca é vista como uma religião que possui uma visão de mundo centrada no culto à Terra, onde o homem é parte dela e não superior a ela, sabemos que essa preocupação com a natureza, esse movimento ecológico é bem “recente”. Mesmo que a Wicca (re)surja como uma construção de uma pós-modernidade, (re)afirma sua identidade a partir da afirmação de uma diferença e apoiada na validação de um “passado” de uma “ancestralidade” ou de uma “tradição” perceptível nas palavras abaixo:

O culto à Deusa Mãe é muito anterior à Era de Touro (4000 a.C a 2000 a.C), tempo em que os homens viviam da caça e da pesca e as mulheres eram as grandes Sacerdotisas, Xamãs e detentoras do poder religioso. Nessa época, o respeito ao feminino e aos mistérios da procriação estava em seu apogeu. Os homens ainda não tinham associado o ato sexual à concepção e viam a gravidez e o nascimento como algo sagrado, recebido diretamente dos Deuses. (PRIETO, 2001, p.13).

É notória uma “criação” de uma identidade por parte dos adeptos validada em um “resgate” de uma Antiga Religião; a Wicca constitui uma formação bem atual. Como essa característica tão voltada para o movimento ecológico, como base em

uma iminência da divindade, onde essa divindade estaria em tudo e seria tudo, essa visão “feminina” do Sagrado caracterizado pelo um movimento feminista como já discutido, bem forte e acoplado à Wicca nas décadas de 60 e 80 que seriam movimentos contraculturais nesse período:

Não apenas nas suas bases conceituais ou mitológicas o apelo contracultural da Wicca se manifestou desde o início. Em vários trechos dos livros de Gardner, especialmente no *O significado da bruxaria*, encontramos diversos elementos característicos dos anseios da época em que foram escritos. Além do óbvio apelo ecológico contido em uma deusa que se confunde com a própria Terra e em um deus da vegetação, e a contestação da moral tradicional explícitas na nudez ritual e nas conotações sexuais do “Grande Rito”, podemos encontrar nas suas obras outras características do pensamento de vanguarda de sua época. (DUARTE, 2008, p.142).

Como o próprio título desse capítulo sugere, *Entre o Cálice e o Athame*, na “bruxaria moderna” referem-se a instrumentos utilizados em suas práticas religiosas. O cálice ligado ao feminino, ao órgão sexual feminino, ou à Deusa e o Athame que é uma espécie de punhal ritualístico representando o órgão sexual masculino, ou seja, o Deus e consorte. Pois para seus adeptos só a união do princípio masculino (Deus) com o princípio feminino (Deusa) é que possibilita o equilíbrio necessário no Universo e em cada um. Vemos um simbolismo sexual de fato nessas práticas, como já sugerido antes e na citação acima que se tratam de conceitos formulados nesse período de quebras de paradigmas e contraculturas.

Fazemos também um jogo de palavras nesse mesmo capítulo ao utilizar essas palavras comuns na Wicca por se referirem a instrumentos “mágicos” - como assim são tratados por seus adeptos - utilizamos aqui também no sentido de cálice (calar) e athame (atar), pois vemos que mesmo que lentamente os bruxos modernos tratem sua religião como algo natural e simples, ainda muitos discursos negativados existem e que calam e atam levando seus adeptos ao ostracismo:

Apesar dos neo pagãos proclamarem que sua religião remonta às antigas religiões pré-cristãs, a realidade é bem outra. Vários autores, dentre os quais alguns neopagãos, identificam como nascedouro de suas práticas religiosas o ocultismo, inclusive o ocultismo satânico, do século XIX e início do século XX, principalmente a sociedade Teosófica de Madame Blavatsky, a Sociedade secreta Golden Dawn e a Ordo Templi Orientis de Aleister Crowley, todas estas com matizes satânicos. (PEDROSA, 2011, p.03).

Pois sabemos também que valores emitidos por outros discursos religiosos, pela mídia, filmes etc subjetivam-se ao criarem representações que por consequência criam uma identidade, sejam bruxas(os) voando em vassouras, transformando príncipes em sapos, crianças em rato, por não suporta-las, como é o caso do filme inglês *The Witches* com o título em português “*Convenção das bruxas*”, de 1990, dirigido por Nicolas Roeg, que retrata a história de um garotinho que descobre que no hotel em que estava hospedado com sua avó está acontecendo uma convenção de bruxas que planejam transformar todas as crianças do mundo em ratos, tendo lá todos os estereótipos já discutidos aqui, mulheres feias, narigudas, unhas grandes etc.

Essas representações/identidades permeiam sempre nossa sociedade reforçando ou desconstruindo o que se fala sobre a bruxaria/bruxa(o) principalmente quando a desconstrução é efetivada por seus adeptos. Identificamos isso em materiais, livros, e entrevistas utilizadas para entendermos o que seria essa bruxaria moderna e como assim os bruxos(as) modernos(as) criam suas identidades através de suas práticas, bem presentes em suas palavras.

Nós não somos maus.
 Não prejudicamos ou seduzimos pessoas.
 Nós não somos perigosos.
 Somos pessoas normais como você.
 Temos família, emprego, esperanças e sonhos.
 Nós não somos um culto.
 Esta religião não é uma piada.
 Não somos o que você acha que somos quando vê TV.
 Nós somos reais.
 Rimos, choramos.
 Somos sérios.
 Temos senso de humor.
 Você não precisa ter medo de nós.
 Não queremos converter você.
 E, por favor, não tente nos converter.
 Apenas nos dê o mesmo direito que lhe damos:
 Viver em paz.
 Somos muito mais parecidos com você do que possa imaginar. (ADLER APUD PRIETO, 2001).

Mas afinal quais seriam essas práticas que seus adeptos caracterizam a Wicca? E por consequência sua(s) identidade(s)? Bem, como já citado a Wicca é uma religião que busca na natureza seus ensinamentos, propondo um “resgate” de antigas práticas religiosas pré-cristãs como a observância dos ciclos anuais:

Assim, a Wicca é uma religião Neopagã, um nome alternativo dado à Bruxaria Moderna, que se inspira no Paganismo dos Antigos Povos da Europa e que se propõe a celebrar novamente a Deusa Mãe e os Antigos Deuses da natureza, criando e recriando os rituais das antigas culturas onde estas Deidades foram um dia celebradas. A Wicca é o reativamento e a sobrevivência moderna desta Antiga Religião baseada na Terra e suas manifestações. Suas raízes espirituais estão no neolítico e paleolítico europeu, tempo em que os povos primitivos cultuavam a Deusa Mãe como a grande criadora, nutridora e sustentadora da vida. Sabemos que no início dos tempos os homens acreditavam que a divindade criadora era feminina e não masculina, como foi estabelecido posteriormente com o passar dos tempos (PRIETO, 2009, p09).

Essas práticas se expressam na centralização de feminino referindo-se ao culto à Deusa, a práticas xamânicas, rituais de cura, celebrações de lua cheia, invocações de aspectos ecológicos sempre presentes e referindo à Mãe Terra, a Mãe Natureza etc.

Na cidade de Campina Grande – PB, durante nesses quatro anos de visita ao Encontro Paraibano de Neopaganismo houve uma grande diversidade de pessoas, sexo, idade e formação no tocante a adeptos dessa religião como também simpatizantes. Mas, ainda observamos uma grande maioria de jovens com formação universitária.

O encontro acontece efetivamente estruturado desde 2008, em conversas com alguns participantes do encontro, é notório que o que culminou nesse encontro foi a busca e o crescimento das religiões “alternativas”, a bruxaria em especial, que no início apenas faltava uma organização e um referencial:

“(...) ao longo desses anos de 2003 até 2011 que nós estamos hoje, o que a gente percebe foi um crescimento contínuo que culminou na formalização em 2008 do encontro paralelo de neopaganismo, (...) hoje agente percebeu que as pessoas só não se juntavam porque elas não tinham um referencial e porque o encontro não tinha uma representação da Wicca ao passo que essa representação começou a acontecer houve um crescimento também do paganismo na própria região (...)” (PRIETO, 2011).

Muitos se organizam nos chamados *covens* que se trata de um grupo de pessoas com afinidades, e se reúnem para estudar e praticar a sua religião. Mais ainda percebemos que existe um “incentivo” aos simpatizantes e quem por ventura queira conhecer mais sobre a Wicca na busca solitária, assim, formando o que muitos se identificaram como “bruxos(as) solitários(as), o que parece, a nosso ver,

que a Wicca permite uma certa autonomia, relevante a isso, uma de suas adeptas discorre:

“É uma religião, contém dogmas, doutrinas, mas não tão rígidas quanto a doutrina vigente cristã, mulçumana, essas mais patriarcais, mas existem sim, alguns grupos tem hierarquias. Não todos, mas mesmo aqueles que não tem uma hierarquia rígida em cada ritual, se tem uma hierarquia própria daquele ritual, não é uma coisa bagunçada, não é cada um chega e faz o que quer como algumas pessoas acham às vezes procuram a bruxaria achando que “oba vou poder fazer o que eu quiser no ritual” e não é assim, cada ritual tem as suas regras intrínsecas e cada grupo cada tradição tem outras regras ainda dentro daquela tradição, então existem sim uma, todo um corpo de crenças que caracteriza como religião.” (RIBEIRO, 2011).

Percebemos que entre os praticantes, os mesmos se referem a si mesmos e a seus pares como bruxos e bruxas, bem diferente da concepção clichê usada na nossa sociedade, mesmo que a palavra seja provida de uma “negatividade”, muitas vezes usadas de uma maneira perjorativa:

Para mim, a palavra bruxa é deliciosa, impregnada de antiquíssimas memórias que remontam aos nossos mais remotos ancestrais, que viveram em estreito contato com os ciclos naturais e apreciaram o poder e a energia que compartilhamos com o cosmos. A palavra bruxa pode instigar essas lembranças e sentimentos, até nos espíritos mais cétricos. (CABOT, 1990, p.13).

Assim, com essas palavras, é perceptível a construção de uma imagem/identidade em associação com antigas práticas consideradas mágicas como um deter de um conhecimento referente à natureza, como também remete a elementos mitológicos e um culto a divindades femininas como se tivesse sido reproduzida em diferentes épocas e culturas como um eco:

Stuart Hall ressalta o impacto causado pelo feminismo não só no campo teórico, mas especialmente, como movimento social que, segundo ele, caracterizou-se como um dos principais descentramentos dos conceitos de sujeito iluminista e sociológico. Além disso, o autor afirma que o feminismo é um dos novos movimentos sociais que politizou a identidade feminina e contribuiu de forma importante para a contestação do status quo. (ASSIS, 2009, p.02).

Com base em Pollak (1992), vemos que então essa construção da identidade está ligada à memória coletiva como individual, e partir daí o indivíduo de uma maneira imposta ou não “forma” sua imagem de si e para os outros como visto nas palavras de Cabot (1990) acima citada:

Se podemos dizer que, em todos os níveis, a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade. Aqui o sentimento de identidade está sendo tomado no seu sentido mais superficial, mas que nos basta no momento, que é o sentido da imagem de si, para si e para os outros. Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p.05).

Acreditamos ser uma das características bem notáveis na religião Wicca, essa “centralização” no sagrado feminino, não querendo afirmar que não existam homens que façam parte, seus adeptos alegam que o fato de existir uma Deusa apenas coloca a mulher em base de igualdade ao homem, buscando uma sacralização da mulher diferente das religiões mais “convencionais” de uma estrutura patriarcal, notório nas palavras de Prieto:

A adoração da Deusa nas culturas antigas incluía o papel principal das mulheres nos trabalhos religiosos e nas celebrações sagradas. As mulheres eram as grandes Sacerdotisas, Adivinhas, Parteiras, Poetisas e Curandeiras. Elas presidiam templos erguidos somente a Deusas como Ishtar, Ísis, Brigit, Ártemis e Diana, que estão entre os mais populares. (PRIETO, 2000, p.28).

Outra característica da Wicca como “bruxaria moderna” diferente das afirmações sobre a prática de ritos demoníacos é que a mesma possui em seus ritos chamados sabás celebrações dos ciclos sazonais e anuais da natureza, ou seja, a “Roda ao Ano”. Como já falado na Wicca existe um forte apelo ecológico como consequência dos movimentos sociais na década de 70 e 80.

Essa “roda” vai revelar para seus adeptos uma circularidade a passagens de ciclos de uma maneira não delimitada:

De acordo com esta concepção, um ano não sucede ao outro e a temporalidade constitui-se em um tempo eterno, renovado na celebração das mudanças de ciclo da natureza: o depósito da semente na terra e a sua germinação, o cultivo, a colheita, a morte como renascimento. (SCHWADE, 2001, p.177).

Essas celebrações conhecidas como “festivais” referem-se ao caminho percorrido pelo sol, ou seja, as mudanças de estações ou os ciclos da terra. Os

próprios ciclos da natureza como crescimento, fertilidade, colheita, além da forte reverência dos quatro elementos como terra, água, fogo e ar:

Entendendo o tempo como circular, e não linear, uma roda que gira continuamente, os Festivais são divididos em dois grupos: “Ciclos da Terra” e “Ciclos do Sol”. Como este calendário foi elaborado na Europa, procura-se adaptá-lo ao Hemisfério Sul, para que os ciclos coincidam com os períodos, as estações do ano, e se estabeleçam uma correlação com o processo de cultivo de alimentos, o que remeteria às atividades da vida cotidiana. (SCHWADE, 2001, p.178).

Justifica-se a questão da quebra das barreiras com a globalização caracterizada na transversalidade nas fronteiras na formação de identidades tornando o mundo mais unificado. Percebemos com isso, que o fato de a Wicca como religião ter sido (re)inventada na Inglaterra por Gardner na década de 50, com um suposto “resgate” de práticas antigas europeias, rompeu barreiras nacionais até chegar a exemplo no Brasil e haver essa identificação por seus adeptos criando assim uma identidade, com base em Hall (2002, p.69):

Que impacto tem a última fase da globalização sobre as identidades nacionais? Uma de suas características principais é a “compreensão espaço-tempo”, a aceleração dos processos globais, de forma que sente que o mundo é menor e as distancias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distancia.

Sendo assim, essa globalização a nosso ver explicaria essa “unidade” essa identificação e por consequência essa construção de identidade(s).

Como vemos na realização dos chamados sabás os quais atribuem resquícios de antigos festivais pagãos, que ao todo são oito que compõem o calendário sagrado da Wicca:

Imbolc, que seria um sabá de purificação e da fertilidade, um festival do fogo conhecido como “festival da noiva”, um sabá que representa os novos começos e o crescimento individual. Acontece no Hemisfério Norte no dia 02 de fevereiro e 01 de agosto no Hemisfério Sul.

Beltane, celebra a união da Deusa ao seu consorte, o Deus Chifrudo, sendo também um festival de fertilidade, é um encontro sexual, é o amor que dá força a todas as coisas celebrado no dia 1 de maio no Hemisfério Norte e 31 de outubro no Hemisfério Sul, sendo nessa ocasião que é celebrado o chamado “Grande Rito” nome dado a união do Deus e a Deusa:

O grande Rito é o termo criado por Gardner para denotar a união (simbólica ou prática) do Deus e da Deusa durante uma ritualística. Essa ritualística é provavelmente advinda da chamada Missa de Gnóstica em que é procedida a união do Pão da Águia Branca com o Sangue do Leão Vermelho. Também pode ter tido suas raízes no Heiros Gamos: o Matrimônio Sagrado que é a parte dos Mistérios de Eleuses. Dentro da cosmologia de Wicca, é a representação ritual da criação do Universo por meio da união do Deus e da Deusa (vide o Mito da Criação). A cerimônia do Grande Rito exteriormente envolve uma união do macho e da fêmea, o Deus e a Deusa. O simbolismo interno é a união do iniciado com o animus e o anima. O matrimônio sagrado é exteriormente uma união de duas pessoas, mas interiormente é um matrimônio dos dois gêneros dentro dessa pessoa. O enfoque ritual do Grande Rito deve ser a união e a integração dos egos internos. É a abertura do portal ao útero da Deusa por onde o Espírito renasce – afinal, nós nascemos de uma união sexual. Como tal, o ritual tem que envolver a união do masculino e do feminino, seja de forma ritualística ou simbólica.

Normalmente, a cerimônia consiste no ato de o Sacerdote empunhar o athame, recebendo energia pelo seu chakra coronário e direcionando-o à ponta do athame, enquanto a sacerdotisa empunha o cálice procedendo da mesma forma com a energia. Ela evoca pela força masculina, enquanto ele evoca pela feminina, para que se unam. A lâmina é então, introduzida no cálice, permitindo assim o encontro das energias, transmutação do líquido em elixir (fertilidade, prosperidade, etc.) e complementação da Grande Obra dos gêneros, a criação. Alguns Covens praticam o Grande Rito de forma literal, ou seja, por meio do sexo real. Mas normalmente apenas entre o Sacerdote e a Sacerdotisa que, geralmente, são casados ou mantêm algum tipo de união amorosa. E jamais aos olhos dos demais do Coven, sempre em particular. (MILLENIUM, 2004, p.46).

Lamas seria o Festival da colheita, estação dedicada ao pão, agradecimentos à colheita resultante do “casamento sagrado”, celebrado em 02 de fevereiro no hemisfério Sul e 01 de agosto no hemisfério Norte.

Samhain seria o mais importante dos oitos sabás para os “bruxos modernos”, considerado o fim da “roda”, onde é representada a morte da divindade masculina, o Deus, trazendo ausência da fecundação do solo e o frio da terra. Seu período de celebração é no dia 01 de maio no hemisfério sul e 31 de outubro no hemisfério norte, coincidindo com os festejos de Halloween ou dia dos mortos.

Esses primeiros quatro sabás, são passagens mitológicas referente aos costumes relacionados à “crença dos povos antigos” referidos pelos adeptos da “bruxaria moderna”, ou seja, são ligados aos mitos do desenvolvimento da história do Deus, e sua relação com a Deusa.

Já os outros sabás são relacionados com as estações do ano, sendo eles, portanto, marcadores de períodos de colheita e plantio.

O Ostara é o equinócio de primavera, época relacionada com o renascimento da produtividade da terra, período em que o solo volta ser fértil e as flores são

abundantes. É celebrado nos por volta dos dias 21 de setembro no hemisfério sul e 21 de março no hemisfério norte.

No verão, há o Litha como celebração do Solstício de Verão, que marca o pico do poder do sol sobre o campo, deixando-a muito produtiva e aquecida. É celebrado no dia 21 de dezembro no hemisfério sul e 21 de junho no hemisfério norte.

O equinócio de outono é celebrado com o sabá Mabon, que se refere ao período de ação de graças, em que a terra aos poucos vai deixando de ser produtiva, e a maioria da colheita é referente a grãos e caças. É celebrado por volta dos dias 22 de março no hemisfério sul e 22 de setembro no hemisfério norte.

Já no período de inverno, existe o sabá Yule, conhecido também como solstício de inverno, onde a noite tem maior duração que o dia, marcando o período de frio e improdutividade da colheita e da caça. Da parte mitológica dentro da Wicca advém também a menção do nascimento do Deus nesse período. É celebrado no dia 21 de junho no hemisfério Sul e 21 de dezembro no hemisfério Norte.

Além desses sabás, que são uma espécie de festivais, há também a realização de esbás, compreendidos como rituais de bruxaria de acordo com os ciclos lunares, ou seja, de acordo com a posição da lua nos períodos da lua Nova, Crescente, Cheia, minguante e Negra (aqui percebe-se como Lua Negra, a última noite da lua minguante, antes de se iniciar a lua Nova).

Outro quesito importante a ser ressaltado, dentro dos elementos caracterizadores da identidade dos bruxos(as) e da “bruxaria moderna”, são a organização dos ritos e a utilização dos “instrumentos mágicos” dentro desses ritos.

Todos os ritos possuem procedimentos que devem ser seguidos e repetidos em determinadas ordens, no início, meio e fim dos mesmos. Como não há uma estrutura “rígida” a Wicca também não possui um “templo” físico, sendo a própria natureza para os adeptos como o melhor local para seus ritos, devido à crença na iminência da divindade.

Assim, em “qualquer” local, seus adeptos realizam seus ritos já que para eles tudo é sagrado, bastando apenas a construção de que os mesmos chamam de “*circulo mágico*” que seria a formação de um círculo (já que a estrutura física de seus ritos, e reuniões sempre é em forma de círculo) através de invocações, gestos e movimentações que sagrariam esse local tornando apto para “receber” suas divindades. Sobre isso uma adepta afirma:

O círculo existe nos limites do espaço e tempo comuns; encontra-se “entre os mundos” daquilo que é visível e invisível, da consciência da luz das estrelas e da luz fugidia, um espaço onde as realidades alternativas se encontram, onde passado e futuro estão abertos para nós. (...) O lançamento de um círculo é uma meditação representativa. Cada gesto que fazemos, cada instrumento que utilizamos, cada poder que invocamos, ressoa através de camadas de significados a fim de despertar um aspecto de nós mesmos. (STARHAWK, 2003, p.116-117).

Sempre antecedido por uma cuidadosa preparação, com a junção e organização de alimentos para o banquete (pão, frutas, chás isso de acordo a cada Festival ou rito); utilização de velas, incensos, flores entre outros adereços. É formado um altar no local escolhido geralmente virado para o Norte, (percebemos esses procedimentos em observação nesses quatro anos de *Encontro Paraibano de Neopaganismo*), montado desde uma forma muito simples a bem ornamentados com flores estatuetas, símbolos etc.

Cada direção corresponde a um elemento dentro dessa ritualista onde Norte para a Terra; Leste para o Ar; sul para o Fogo e Oeste para Água. Além disso, são solicitadas vestimentas de acordo com as cores de cada festival, para entrar no círculo são sugeridos alguns exercícios chamados de energização acompanhados de alguns gestos e palavras, o que seus adeptos chamam de “limpeza” dos participantes. Utilizam também incensos, água e ervas.

Seguem-se as invocações da Deusa e do Deus, depois momentos de meditação ou dança envolvendo os participantes, para logo em seguida haver uma forma de “benção” e partilha dos alimentos. Nessa estrutura verificamos que há uma recorrência de elementos da natureza junto com uma concepção de uma religiosidade que dá lugar ao feminino, pois sempre primeiro é invocada a Deusa.

Outra ideia que permeia e que está dentro dessa estrutura da Wicca é o conceito de circularidade presente e caracterizado com a formação do “circulo mágico” ligado a ideia de um “tempo cíclico”:

Uma “religiosidade feminina” estar-se-ia evidenciando, não ocultando a divindade masculina, mas limitando a sua presença à conotação de equilíbrio com o feminino. E, inclusive, pondo o feminino em papel de destaque, como expressão das “energias” e dos “poderes” primordiais, anteriores, na escala de evolução/desenvolvimento humano, ao culto e reverências dos deuses masculinos. (SCHWADE, 2001, p. 184-185).

Observamos que assim a Wicca ou “bruxaria moderna” busca essa legitimação nas sociedades antigas, especialmente os celtas, onde esse povocultuava várias deusas e supostamente atribuíam à mulher um caráter sagrado devido à capacidade de conceber uma nova vida. Com isso, a Wicca afirma a ideia de que um dia as mulheres estiveram no poder.

Deste modo, mesmo a “bruxaria moderna” concebe uma afirmação que é detentora de um reavivamento de uma “Antiga Religião” historicamente, e são notórias algumas lacunas, já que “avaliamos” o passado com o nosso olhar de hoje, com nossos padrões, valores diferentes talvez do tempo cronológico escolhido. E a partir daí criamos nossas identidades. Concluimos com as palavras de Pollak:

Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão, ao grupo, e este elemento, obviamente, é o Outro. Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros. A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que memória e identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou de um grupo. (POLLAK, 1992, p.05).

Assim, observamos que a construção dessa identidade da bruxaria/bruxa(o) por parte de seus adeptos não foge totalmente de alguns estereótipos vinculados, e como já amplamente discutido, criados na Idade Média, permanecendo viva na memória e práticas culturais assim causando uma romantização como consequência da visão do outro, onde alguns bruxos(as) assumem vestes negras, a utilização de caldeirão, vassouras e etc, como parte de uma prática de sua religião. “Construindo” com isso uma representação/identidade, uma imagem que não foge da referência do outro.

Apoiada em um viés feminino, da ecologia, e em um suposto “resgate” de uma religião do passado, a Wicca hoje questiona os valores vigentes da nossa sociedade centrados nos modelos masculinos e monoteístas, assim, oferecendo uma espiritualidade “alternativa” para os indivíduos que são atraídos por um sistema menos “rígido” e dogmático.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível um crescimento da busca de religiões tidas como “alternativas” são uma constante como já discutido. As razões disso, em específico do crescimento da Wicca, é, a nosso ver, resultado ainda das ideias disseminadas no século XX, com a chamada crise dos paradigmas e um novo olhar, onde houve um deslocamento de alguns modelos seguidos pela sociedade. A “bruxaria moderna” desperta interesse por alegar uma “base histórica”, uma centralidade na figura da mulher, e uma religiosidade focada na terra e seus ciclos.

Mesmo com esse acentuado crescimento e ênfase nessas religiões não “convencionais” na chamada pós-modernidade, a bruxaria, de modo especial, seja na mídia, livros, filmes e novelas, permanece ainda em evidência com o velho estereótipo, criado na Idade Média e que ao longo do tempo foi se cristalizando e que ainda assombra nossa sociedade, no modelo “clássico” de um culto maligno.

Percebemos, sim, algumas rupturas, de certa maneira essa representação/identidade foi configurada na nossa contemporaneidade, agora esses “personagens” são jovens bruxos do “bem”, muitos não são tão feios, nem com aparências monstruosas, mas, não perdendo símbolos clássicos como voar em vassouras, o uso de chapéus pontudos, de ingredientes extravagantes e o preparo de poções em um caldeirão fumegante.

Analisamos de forma geral que essas representações e os diversos discursos em nossa sociedade, formam uma imagem no tocante a bruxaria/bruxa(o) seja uma representação que emite valores tidos como positivos ou negativos. Desse modo, bem diferente das velhas imagens sobre a bruxaria/bruxa(o) os seus adeptos constroem uma representação/identidade através de suas práticas onde (re)afirmam um elo com um passado remoto e longínquo como um eco reforçando sua identidade de uma religião sábia e tão antiga quanto o tempo, mesmo que haja questionamentos sobre tais afirmações.

REFERENCIAS

AGRA FILHO, Luciano Bezerra. Religião e Magia na Idade Moderna no Campo Historiográfico. **História, Imagem e Narrativas**. [SI], n. 6, ano 3, Abril de 2008.

ARAÚJO, Suzana de Azevedo. **Paradoxos da Modernidade**: A crença em bruxas e bruxarias em Porto Alegre. 2007. 235 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

ASSIS, Jussara Francisca de. Resenha. **Revista África e Africanidades**. Ano 2, n. 5, Maio de 2009.

BARROS, Maria de Nazareth Alvim de. **As Deusas, as Bruxas e a Igreja**: Séculos de perseguição. 2ª ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2004. p.327-286.

BAUMAN, Zygmunt, **Modernidade Líquida**. Tradução: Plínio Dentzien. 1ª ed. [S.l.]: Zahar, 2001.

BOSTULIM, Regina. **Wicca**. 2007. 111 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Escola Superior de Teologia, Curitiba, 2007.

BURKERT, Walter. **Religião Grega na Época Arcaica e Clássica**. Lisboa: ColousteGoubelin, 1999.

CABOT, Laurie. COWAN, TOM. **O poder da bruxa**: A terra, a lua e o caminho mágico feminino. 13ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1990.

CAMPOS, Roberta Bivar Carneiro. GUSMÃO, Eduardo Henrique Araújo de. Religião em Movimento: Relações entre Religião e Modernidade. **Campos - Revista de Antropologia Social**. V. 11, n. 01, 2010. P. 65-83. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/campos/article/viewFile/19139/14699>. Acesso em 31 de setembro de 2011 às 16h15min.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**: Artes de fazer. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre Práticas e Representações**. Tradução: Maria Manuela Galhardo. 2ª ed. Lisboa: Difel, 2002.

DUARTE, Janluis. **Os Bruxos do Século XX**: Neopaganismo e invenção de tradições na Inglaterra do pós-guerra. 2008. 170 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

FARRAR, Janet. FARRAR, Stewart. **Oito Sabás para Bruxas**. São Paulo: Anúbis, 1999. p.40-41.

FRAZER, J. **O Ramo de Ouro**. São Paulo: Circulo do Livro, 1986.

GARDNER, Gerald. **A Bruxaria hoje**. São Paulo: Madras, 2003. P. 34.

GRIMASSI, Raven. **Bruxaria Hereditária: Segredos da Antiga Religião**. São Paulo: Gaia, 2003. p. 23.

GINZBURG, Carlo. **História Noturna: Decifrando o Sabá**. São Paulo: Companhia das letras, 1991.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LANGER, Johnni. The Wicker Man: Reflexões sobre a Wicca e o neopaganismo **Revista de História e Estudos Culturais**. São Paulo, v. 4, n. 2, ano IV, abr/mai/jun. 2004.

LELAND, Charles Godofrey. **Arádia, o Evangelho das Bruxas**. São Paulo: Outras Palavras, 2000. p.139.

LIMA, Livia Soraia Gomes Silva. **(Re)vivendo tradições? As bruxas hoje**. 2004. 30 f. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2004.

LUCK, George. Bruxos, Bruxas e Feiticeiros na Literatura Clássica. In: OGDEN, Daniel et al. **Bruxaria e Magia na Europa: Grécia Antiga e Roma**. Tradução: Marcos Malvezzi Leal. São Paulo: Madras, 2004.

MIELE, Neide. **O Retorno da Deusa**.

Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/45348513/O-Retorno-Da-Deusa-Neide-Miele>. Acesso em 16 de agosto de 2011 às 08h26min.

MILLENIUM. **Wicca A bruxaria saindo das sombras**. 1ª ed. Madras, 2004.

MURRAY, Margaret Alice. **O culto das Bruxas na Europa Ocidental**. São Paulo: Madras, 2003.

NOGUEIRA, Carlos Roberto Figueiredo. **O Diabo no Imaginário Cristão**. 2ª ed. Bauru: EDUSC, 2002.

_____. **Bruxaria e História: As práticas mágicas no Ocidente cristão**. São Paulo: EDUSC, 2004.

PEDROSA, Paulo Sérgio R. **“Neo Paganismo e Bruxaria”**, MONTFORT Associação Cultural. Publicado em 09 de junho, 2011.

Disponível em: <http://www.montfort.org.br/index.php?secao=cadernos&subsecao=apologetica&artigo=neopaganismo>. Acesso em 15 de outubro de 2011 às 15h.

PEREIRA, Rosângela Maria dos Santos. **Wicca**, a Religião da Grande Deusa. 2003. 22 f. Monografia (Licenciatura Plena em História) – Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande, 2003.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social**. Estudos Históricos. Rio de Janeiro. Vol. 5, n. 10, 1992. P. 200-212.

Disponível em: http://reviravoltadesign.com/080929_raiaviva/info/wp-gz/wp-content/uploads/2006/12/memoria_e_identidade_social.pdf. Acesso em 20 de Outubro de 2011 às 19h.

PRIETO, Claudiney. **Wicca: A Religião da Deusa**. 2ª ed. São Paulo: Gaia, 2001.

_____. **Wicca para todos**.

Disponível em: <http://pt.calameo.com/read/0001432751a1dba130852>. Acesso em 03 de junho de 2011.

ROWLING, J.K. **Harry Potter e a Ordem da Fênix**. Tradução: Lia Wyler. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

SEASON of the Witch ("Caça as bruxas"). Direção: Dominic Sena. Intérpretes: Nicolas Cage; Ron Perlman; Stephen Campbell Moore; Stephen Graham; Ulrich Thomsen; Claire Foy; Robert Sheehan; Christopher Lee; Rebekah Kennedy; Andrew Hefler; Fernanda Dorogi; Kevin Rees; Matt Devere e RóbertBánlaki. Roteiro: Bragi F. Schut. **Gênero**: Aventura, Drama, Fantasia e Suspense. [s.l.]: Imagem Filmes, 2010. 1 DVD (99 min), color.

SCHWADE, Elisete. **Deusas Urbanas**: Experiências, encontros e espaços neoesotéricos no Nordeste. 245 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

SHAKESPEARE, William. **Macbeth**. Tradução: Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2007.

SHVOONG. **A Nova Roupagem da Bruxaria**. Publicado em 25 de maio, 2010.

Disponível em: <http://pt.shvoong.com/books/2005879-nova-roupagem-da-bruxaria/> Acesso em 17 de outubro de 2011 às 02h23min.

SOUZA, Laura de Mello e. **A Feitiçaria na Europa Moderna**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1995. (Série Princípios).

STARHAWK. **A Dança Cósmica das Feiticeiras**: Guia de rituais para celebrar a Deusa. Tradução: Ann Mary Fighiera Perpétuo. 5ª ed. rev. Rio de Janeiro: Nova Era, 2003.

THE WITCHES ("Convenção das bruxas"). Direção: Nicolas Roeg. Elenco: Rose English, Jenny Runacre, Anjelica Huston, Jasen Fisher, Jane Horrocks, Brenda Blethyn, Bill Paterson, Rowan Atkinson, Sukie Smith e Nora Connolly. Roteiro: Allan

Scott, Roald Dahl. Gênero: Família, Fantasia. [S.l.]: Warner Bros, 1990. 1 DVD (91 min.)Color.

APÊNCIDE A – ENTREVISTA 1

DADOS DO ENTREVISTADO

Nome do Entrevistado: Wagner Perico (bruxo da Tradição Wanen) Bruxaria Tradicional Germânica.

Idade: 48 anos

Profissão: Consultor de viagens, tarólogo e runólogo; tradutor e intérprete de alemão.

Formação: Formado em Artes Plásticas.

QUESTÕES

1 O que seria a bruxaria no conceito Wanen?

– Bruxaria na verdade é um sacerdócio acima de tudo, é uma religião, Pra gente é uma religião, ela não é religião do estado não é uma religião, pelo menos por enquanto, não é uma religião de massa é uma religião que ao longo dos séculos, nos últimos séculos marginalizada, antes disso não, é uma religião, na verdade era dentro de uma aldeia era aquela pessoa homem ou mulher que sabia equivalente ao pajé no Brasil era aquela pessoa que fazia parte era aquela pessoa que mantinha ervas que fazia poções que não só cuidavam do físico mas também cuidava do espírito cuidavam do emocional da pessoa. Tanto que uma das possíveis traduções de bruxo em outros idiomas é “arte dos sábios” ou mesmo em português uma das possíveis é que tenha vindo da palavra “*Plus scios*” uma palavra latina que *Plus* (mais) *scios*(saber) é aquela pessoa que mais sabia numa aldeia, Então a origem da palavra é uma palavra bonita em qualquer idioma, basicamente, a palavra não é feia no sentido pejorativo, o sentido pejorativo veio com essa imagem que foi plasmada da Idade Média.

2 A que você atribui hoje, essa imagem da bruxaria a coisas maléficas?

– Foi em virtude da propaganda, a grande propaganda negativa porque até então você não tinha na Idade Média, determinado período né, quando começou a se publicar ou começou a se falar sobre a bruxa a perseguição e tudo mais, tanto que essa imagem que você tem física da bruxa é como você tirasse um retrato do que se falava na Idade Média e colocasse agora, o que também na verdade é mal compreendido porque se fala assim “ah a bruxa usava chapéu pontudo”, mas quando você olha aqueles retratos da Idade Média ou mesmo depois renascentistas, tem muitas damas da corte ou mesmo senhor, independente, homens também que tem um chapéu pontudo fazia parte da indumentária, parte da moda, você vê senhoras com chapéus com véus e coisas assim. Ai falam assim “não, a bruxa usa o caldeirão”, mas tudo mundo usava caldeirão era a panela da época, então o padre também usava o caldeirão todo mundo usava, mas, é aquele retrato que é trazido agora o que acontece, muita gente que segue a bruxaria agora que se vestir com aquela imagem da época, justamente até por uma autoafirmação porque essa pessoa de hoje também é influenciada por aquele modelo, então também para essa pessoas muita às vezes ser bruxo é ter aquele chapéu pontudo é ter aquele caldeirão é ter tudo aquilo, evidente que o caldeirão durante séculos a partir desta imagem ele foi relacionado à bruxaria acabou criando uma “egrégora” uma energia

uma... No nosso consciente coletivo foi alimentado por esta imagem do caldeirão, imagem romantizada que muitas vezes não faz parte da realidade pelo menos no passado quando a gente sabe que aquilo era uma panela.

3 Então você acha que hoje em dia há uma romantização?

– Há uma romantização, as pessoas falam por exemplo “ah, bruxo se veste de preto” mas, ninguém vestia colorido, o povo, porque os pigmentos eram caros por isso se originou as navegações foram originadas né, para descobrir especiarias e pigmentos na Índia, o Pau-brasil, roupa colorida era uma coisa só da elite, então não tinha isso, a própria pessoa fazia uma roupa de repente num tear normalmente cru, um tecido cru e trocava a roupa uma vez por ano, uma vez quando fosse sabe... a mesma coisa que o banho, tomava banho de vez quando essa falta de higiene que fez, um problema de uma serie de doenças inclusive a peste. Então é assim, bruxo usava preto? Todo mundo usava um mesmo tipo de roupa tudo as mesmas cores, você não tinha assim o povo usando uma túnica imunda de um ano e você tem bruxos usando preto, não, usava a mesma túnica a mesma coisa e iam pra floresta fazer as coisas. O mesmo conceito também que as vezes eles falam a questão de nudez que muitas tradições colocam como vestidos de céu. (Interrompo)

4 Será que foi daí que surgiu na Idade Média que as bruxas eram luxuriantes que dançavam nuas na floresta e faziam sexo com o Diabo?

– Mais ou menos, parte da questão da nudez ela vem da... as pessoas falam assim “ah, você tinha que fazer ritual de nudez” a nudez na verdade ela foi muito mais fácil pra alguns povos do que pra outros, a gente sabe que por exemplo que na Escandinávia e em alguns regiões da Alemanha sempre foi do costume, você tomava uma sauna depois corria e nadava nu se jogava na água gelada e voltava ou ficava exposto ao frio fazia parte de um processo saudável, não sei te dizer desde quando ou a partir de quando foi feito isso não sei situar no tempo, mas, você não pode fazer, você não consegue fazer um ritual de nudez em meio de um inverno europeu, no verão é uma outra história é possível, o quanto realmente a nudez fez parte ou não é difícil você falar, existe um conceito você tem aquelas pinturas de bruxas dançando nuas as vezes em torno do diabo, eu acho que isso foi muito influenciado pela aquela imagem de rituais de fertilidade como o “Maypole” o ritual que efeito em torno de maio em que você tem um literalmente um falo, representando o ritual de fertilidade aquele falo com a terra em que as pessoas dançavam em volta dele, dançar em volta de um falo até ai pra você transportar isso o falo como o diabo é um pulo, ai o que você faz, provavelmente quando o cristianismo começou a se desenvolver primeiro na cidade depois no campo é tanto que “Paganus” que acabou virando pagão é simplesmente habitante do campo que foram os últimos a serem cristianizados, quando você tem uma religião que chega no caso do cristianismo, chega e diz que tudo que é outra cultura são demônios ela vai pegar rituais que as outras fazem, é como você olhasse aquele ritual e visse pessoas dançando nuas em frente, em volta de um pedaço de madeira ou algum ritual que tivesse orgias que eram ritos para alguns pagãos pra Dionísio pra outros Deuses, no caso da Europa, pra Baco, pra é, vários Deuses, a Pã, pra você ver Pã, ah chifre, tem patas de bode é sexual, elas dançam em volta de uma, desse falo isso é um passo pra tornar tudo isso demoníaco, então aquele Pã é o diabo tem chifres patas de bode elas dançam em volta há orgias pra esse diabo se há orgias e o diabo é figura central, uma das formas delas venderem sua alma pro diabo era o sexo.

5 Você acha que essa ideia ainda persiste hoje que o bruxo é uma pessoa ligada ao diabo?

– Acho que sim.

6 Os discursos mudaram?

– Não.

7 Você acha que isso esta mais forte ou não?

– Não vou dizer que seja todo mundo, acho que muitas vezes, atualmente as pessoas relegaram a bruxaria em grande parte em dois níveis, uma, as pessoas excêntricas são esotéricos excêntricos que se acham bruxos eles falam isso, mas que são esotéricos excêntricos outras acham que realmente você tem uma ligação com o diabo, porque já me perguntaram algumas vezes “mas tu é bruxo do bem né?” “você não cultua o diabo né?” me perguntaram isso várias vezes muitas vezes, então você vê que não é uma coisa isolada, as pessoas te olham muita as vezes como se “coitado, ta perdido” porque eles ficam com pena, porque você é uma pessoa legal, mas infelizmente vai para o inferno, que chato.

8 Você acha que o encontro da Nova Consciência que tem aberto cada vez mais o espaço para a bruxaria, você acha importante o encontro nesse sentido de mostrar o que é a bruxaria, quebrar certos conceitos, desconstruir?

– Todo encontro é importante, toda vez que você traz e leva informação.

9 Seria então uma falta de informação umas das causas de todos esses conceitos e estereótipos?

– Falta de informação, primeiro que assim, eu gosto de roupa preta? Gosto, preto emagrece (risos), só que, eu sei que você não tem um uniforme pra bruxo eu não preciso me vestir de preto pra ser bruxo, eu não preciso ter um caldeirão pra ser bruxo, eu não preciso ter a vassoura de palha pra ser bruxo, eu posso ter essas coisas porque essas coisas acabaram também influenciando a gente o próprio bruxo porque ele também foi bombardeado dessas imagens romantizadas agora romantizadas, mas que na verdade eram propaganda praticamente de um criminoso né, mas para uns do que por outros, depois foi romantizada e agora, isso foi influenciado e a gente teve essa influencia, então a gente acaba adotando o caldeirão, muitas vezes, adotando uma coisa adotando outra, mais importante é se saber que isso que a gente adota não condiz com a ideia de achar que aquilo é de uso exclusivo de bruxo, porque afinal todo mundo usava caldeirão, muita gente tinha chapéu pontudo, não precisa de um chapéu pontudo pra ser bruxo. Existe uma tendência você colocar, justificar as coisas, “ah o chapéu pontudo é o *cone de poder*” que é uma quantidade de energia que enviada de uma vez um ápice de energia com um determinado proposito no ritual, como é um “*cone de poder*” a tendência é visualizar aquilo cônico, então o chapéu de bruxo é o “*cone de poder*”, pode ser e pode não ser eu não conheço dados históricos suficientes que corroborem isso, porque é muito fácil você olhar uma imagem cônica e dizer “não, isso é o cone de poder” mas quem ta dizendo? Você agora olhando aquilo, eu não sei se uma pessoa do passado, da Idade Média ou sei lá quando fosse teria essa noção que isto é um “*cone de poder*” ou isto é um chapéu somente entendeu? Então eu não sei, eu sei que agora, você pode fazer umas coordenações na sua cabeça pra basicamente tudo, o próprio caldeirão que agora a gente fala “olha o caldeirão é o útero da Deusa” eu não sei se no passado ele tinha esse conceito, talvez tivesse

pela forma dele eu não sei, é difícil é muito difícil você entender o pensamento de alguém a 400, 500 anos com a vida curta, trinta anos.

10 Você afirma então que a bruxaria hoje como religião não é isso? Tem resquícios de antigas praticas, mas não veem isso como primitivo no sentido que as coisas mudaram? E as pessoas que hoje se dizem bruxos na verdade só querem reviver uma coisa que não existe mais, se perdeu?

– Na verdade o que é importante hoje em dia é entender assim, o que é um bruxo? Primeiro, limpa a roupagem de tal período, é como você pegasse assim, tudo aquilo, todos os movimentos que se dizem bruxos de vários períodos da história e você começasse a limpar a questão histórica no sentido de tempo/espaço de roupagem mesmo o que sobra isso é bruxaria, o resto são acessórios, são instrumentos, são situações, questões temporais, políticas, culturais. Seria mais ou menos assim, então a gente sabe que pode ser interesse de certas pessoas usar chapéu pontudo, caldeirão, mas a gente sabe que não é o chapéu pontudo nem o caldeirão então vamos tirar isso, não é a vassoura vamos tirar isso, eu posso dizer “ah o cabo é o Deus é o falo a palha é a vagina” mas isso é coisa que a gente fala hoje a gente não sabe se eles tinham esse conceito, as pessoas podem falar “ah não, mas a gente tem esse conceito porque ele sobreviveu durante o tempo” eu não sei se sobreviveu e não é importante saber porque a bruxaria ela não depende dessa informação especifica se é ou não se a vassoura tem esse sentido se tinha no passado que a gente tem agora isso não invalida a bruxaria, é isso que eu digo. O “*livro das sombras*” a maioria dos bruxos gosta de escrever “*livro das sombras*” mas a maioria dos bruxos do passado eram analfabetos ninguém tinha “*livro das sombras*” só o clero, só as famílias nobres, no geral não mulheres obvio, ninguém sabia ler e escrever ninguém tinha “*livro das sombras*”, então toda essa ideia romantizada que as pessoas tem muitas coisas não são reais o que não invalida a bruxaria de nenhum modo, porque a gente tem que ver a bruxaria além disso, o que que tem hoje que tinha na Idade Média, que tinha antes que tinha na época dos sacerdotes que não eram chamados em que a religião não era chamada de bruxaria, dos cultos nos templos, o que a gente tem que entender aquele nível que a gente chama de bruxo hoje que eram os sacerdotes em templos pagãos e aquela bruxa de aldeia aquela feiticeira de aldeia que era uma parteira que normalmente não era a mesma função que tinha aquele do templo que fazia o serviço religioso, muitas a vezes aquela feiticeira de aldeia era uma coisa mais pratica podia também ter o seu cunho religioso mas de uma forma muita pratica, fazia poções para curar, ela era a “médica” do lugar, provavelmente tinha a sua parte devocional mais você percebe que a pratica dos dois elas tem muitas diferenças, mas o que elas tem semelhante? Um culto devocional, elas tem a noção do contato com a natureza, mas pode falar “ah, mas no passado a natureza estava em tudo” sim, mas ela lia à natureza de um modo que muitas vezes onde tem que uma serie de invasões que começaram afastar o homem da natureza a gente percebe nos próprios mitos pagãos uma estreita relação com a natureza até pelos próprios mitos quando um Deus transforma aquela pessoa que gosta ou não gosta dele transforma numa ametista numa árvore você vê que existe toda uma metamorfose com ele a natureza, que a bruxa também vai ter determinadas praticas que o mitos “ah, ela se transforma em gato” existe esse contato intenso com a natureza que você não vê dentro do clero por exemplo quando você vê imagens daqueles mosteiros tremendamente fechados e isolados, não que eles não trabalhasse no campo e tudo mais, mas começa a haver aquela separação do homem com aquele mundo bestial aquele mundo animal

que o homem tem que se afastar daquilo negar o físico e se voltar para o espiritual como um ato de purificação como se você ligar o físico, o sexo, a natureza fosse impura, e nisso você tem bruxas, sacerdotisas em uma relação que os dois tem. Então eu acho que agora o importante é saber principalmente o que ta por traz do que se diz ser bruxo, fora a roupagem fora a parte folclórica, o que não é importante é que essa continuidade, será que a bruxa de agora ela vem de milhares de ano?

11 Você estava falando de uma romantização do que é ser bruxo/bruxa hoje, a que você atribui as concepções de outras religiões a respeito do que se hoje chama de bruxaria de lutarem tanto contra, seria falta de informação mesmo como você já falou ou fanatismo?

– Eu acho que a falta de informação leva ao fanatismo. Primeiro eu acho assim, como eu estava dizendo eu não sei, provavelmente aquelas bruxas, feiticeiras de aldeia foi nisso que aquelas antigas sacerdotisas acabaram se tornando pra sobreviver na medida que não havia mais templos e algumas sacerdotisas se mantiveram assim foram passando para suas filhas seus filhos não sei se, mas provavelmente. Mas eu tenho uma impressão que justamente que quando chegou o cristianismo aquilo tudo que o cristianismo negou é justamente aquilo que a bruxaria ou paganismo trabalhava que era a sexualidade era esse contato com a natureza. As pessoas precisam ter um bode expiatório para evitar lhe dar com suas próprias limitações com seus próprios problemas, é muito mais fácil você colocar que aquela pessoa é lasciva porque é uma bruxa, que ela não é livre que ela vendeu a alma ao diabo, é mais fácil você usar aquela pessoa do que você pensar na sua própria vida, eu sou uma pessoa livre? Eu como homem, como mulher eu estou integrado dentro do que eu sou? Como eu lido com o prazer na minha vida, o prazer sexual, meu contato com a natureza como é? Estou satisfeito na minha vida? A pessoa não se questiona, para uma pessoa que seja livre, isso não foi só com bruxas com ciganos aconteceu, qualquer pessoa que represente algo uma liberdade diante disso que as pessoas não são aquilo deve ser condenado, então por isso eu acho que a bruxa ainda tem essa imagem a sociedade precisa de um bode expiatório e a bruxa é um desses bodes, continuam sendo, talvez a informação comece a mudar isso mas por enquanto continuam sendo.

12 Então você acha interessante as pessoas que se dizem bruxo/bruxa se exporem virem a publico e falarem de suas praticas?

– Por um lado é sempre importante, por outro lado você não pode obrigar uma pessoa que queira praticar de uma forma mais incógnita a sair disso se ela não quiser enfrentar essa oposição ela esta no direito dela, mas, eu acho que quanto mais se expõem melhor pra todos num contexto geral, porque é como aqui o evento que tem da Nova Consciência se você tivesse uma bruxa só provavelmente haveria um desconforto geral, mas quando você tem vários, a história muda. Então a melhor forma de lidar com o preconceito é isso e também os bruxos para lhe lidarem com a informação não deve vir somente do bruxo para os outros, mas do bruxo para os próprios bruxos não é simplesmente você falar assim “sou um bruxo” é você entender o que é isso, esse entender não precisa esbarrar na parte histórica de você ler pesquisar livros históricos é mais do que isso de pegar datas e coisas assim é você entender o que o conceito é pra você como você se encaixa nisso, por isso que eu acho que aqueles ritos primitivos eles continuam com força porque eles se colocam num link direto com o nosso passado pra entender o que era a bruxaria no passado, como se eu tivesse um conceito e entender na forma de você sentir esse

conceito porque ai você consegue hoje quando você é seguro do que você é, e sente esse link realmente no passado e você tem toda uma linhagem mágica ou mesmo que não tenha linhagem em questão de "iniciação" mas, no sentido que outras bruxas vieram esta pairado com a segurança de você saber realmente quem e o que você é se você não sabe isso é muito difícil você lidar com o preconceito do outro porque você não tem uma base sólida, você não tem a segurança de dizer "não, eu sou isso" e nada te afetar aquilo que você sente, basicamente isso.

APÊNCIDE B – ENTREVISTA 2

DADOS DO ENTREVISTADO

Nome: Claudiney Prieto (Bruxo da Tradição DiânicaNemorensis) Bruxaria Wicca.

Idade: 34 anos.

Profissão: Autor.

Formação: Superior incompleto no 4º semestre de filosofia.

QUESTÕES

1 Para você qual a concepção de bruxo/bruxaria?

– Pra mim é algo muito claro e definido, na minha maneira de pensar no meu entendimento bruxaria é uma religião é um nome que se da um nome primitivo que se da a uma prática de espiritualidade centrada na natureza nas forças que regem né esse planeta e cujas práticas colocam o homem em contato com essas forças que por nós são compreendidas como Deuses como forças deificadas né. Atualmente um nome que tem se dado desde a década de 50 pra cá tem sido Wicca, eu não considero que bruxaria e Wicca são coisas diferentes, pra mim Wicca e bruxaria são as mesmas coisas, Wicca é um nome alternativo que se da as práticas da bruxaria cujos as origens etimológicas tem raiz com o próprio termo bruxaria em inglês que é wicraft, a palavra Wicca vem do inglês arcaico “wice” que significar girar, dobrar, moldar, girar, dobrar e moldar as energias da natureza ao nosso favor e wiccraft seria a “arte dos sábios” a arte das pessoas que praticam a bruxaria.

– O que a maioria das pessoas as diferenças que a maioria das pessoas apontam de bruxaria pra Wicca na realidade seria aplicado para as diferentes vertentes do paganismo em relação a Wicca e a bruxaria, quando Gardner ele saiu das sombras na década de 50 ele nunca disse que bruxaria e Wicca eram coisas diferentes, durante muito tempo os termos foram usados ao mesmo tempo então eu ainda penso de acordo com essa escola antiga e primitiva e acho que essa divisão é muito mais política e as vezes conceitual uma visão mais conceitual mal construída e acho que as pessoas poderiam utilizar outras terminologias que se aplicam perfeitamente ao sistema de crenças delas e que não seria bruxaria.

2 A que você atribui os conceitos que a bruxa/bruxo cultua ao diabo, vincula a bruxaria a coisas maléficas hoje para a sociedade?

– Infelizmente isso é uma visão estigmatizada que tem sobrevivido através dos tempos porque durante muito tempo as práticas pagãs foram perseguidas se você pegar a época da inquisição das perseguições as bruxas e das pessoas que tinham um modo de vida mais voltado pra natureza, você percebe que toda uma campanha de marketing negativo foi feito pra deturpar não só a visão daquelas pessoas mas a visão também daquele sistema de crenças culturais, infelizmente a gente tem ai dois mil anos de propaganda enganosa, dois mil anos de estigmatização da imagem da bruxa e nós só temos cinquenta anos um pouquinho mais de cinquenta anos de uma propaganda positiva então você não consegue fazer dois mil anos de propaganda negativa em cinquenta anos, a gente ainda tem um longo caminho pela frente e acho que essas tipações negativas elas também se dão pela ignorância das

peças, a falta de conhecimento, a ignorância do que nós somos, o que nós fazemos que é fomentada diariamente pelas religiões dominantes pela mídia que precisa criar personagens pra que se tenha audiência.

3 A gente sempre vê na mídia quando se trata da figura da bruxa/bruxo geralmente são pessoas muito feias, verdes, formas não humanas as vezes, pessoas desdentadas ou pessoas muito lascivas.

– Se você pegar a história da nossa religião essa estigmatização ela é um pouco mais pesada do que acontece com as outras religiões e a gente tem um longo caminho pela frente para desfazer isso.

4 Essa sua participação do Encontro da Nova Consciência, nesses vinte anos, claro mesmo que você não tenha participado desde o início, mas desde sua participação esses discursos mudaram em alguma coisa?

– Eu tenho participado do Encontro da Nova Consciência desde 2003, então eu estou desde o início que a Wicca e o neopaganismo tem tido uma representatividade isso dentro do encontro, isso começou um ano antes com a vinda da **Starhawk** pro Brasil e no ano seguinte nós fomos convidados pra vir e falar sobre Wicca sobre neopaganismo representar essa espiritualidade quando nós chegamos em Campina Grande na Paraíba existiam pouquíssimos praticantes da religião nós só falamos num painel um único dia e pra as pessoas era uma coisa muito esquisita muito estranha apesar da gente vir de São Paulo ou de outros lugares do Brasil, em que a realidade é completamente distinta há um número e sempre houve um grande número de participantes e praticantes dessa religião a realidade de Campina Grande era completamente diferente o que a gente via era que as pessoas não tinham a mínima noção de quem nós eramos as próprias religiões e as representações das religiões dentro do encontro não tinha a mínima ideia do que era essa religião e que as pessoas que tinham uma noção sobre essa espiritualidade que foram para nos ouvir ainda estavam no seu início de processo dentro da religião, ao longo desses anos de 2003 até 2011 que nós estamos hoje, o que a gente percebe foi um crescimento contínuo que culminou com a formalização 2008 com o encontro paralelo de neopaganismo, na época não existia eu entrei em contato com um dos organizadores com a Íris junto William, com Flauber e outras pessoas nós decidimos dar esse primeiro passo foi uma coisa bem pequena, muito mais simples do que acontece hoje e agente percebeu que as pessoas só não se juntavam porque elas não tinham um referencial e porque o encontro não tinha uma representação da Wicca ao passo que essa representação começou a acontecer houve um crescimento também do paganismo na própria região hoje nós somos respeitados ao ponto de pudermos da uma benção na parte ecumênica inter-religiosa do encontro, na parte de palestras, ao ponto de ter podido entrar na parte das previsões e estar mais presente dentro do encontro, isso só representa que, eu acredito, o respeito que nós conseguimos conquistar ao longo desse tempo, é claro que, por mais que o encontro seja inter-religioso em que as pessoas elas queiram dialogar entre si dentro da diversidade existe pessoas que ainda nos olham de maneira torta em função da sua própria formação espiritual que pra essas pessoas muitas as vezes a nossa maneira de pensar, a nossa maneira de ser, a nossa maneira de expressar nossa religiosidade ela é ameaçadora, por que? Porque a Wicca ao contrario das outras religiões que são religiões de subserviência ao sagrado de subserviência ao divino é uma religião de liberdade aonde você não depende de ninguém pra ser nada aonde você pode sozinho praticar sua a sua religiosidade

aonde você não precisa de grupos pra que isso aconteça aonde você não tem uma estrutura androcrástica, uma estrutura monoteísta de espiritualidade e pra essas religiões que ainda tem um pensamento de dominação das massas e que a religião ela é meramente um veículo de controle social e político você vir com um discurso de liberdade, um discurso aonde você incita as pessoas a raciocinarem por si só e perceberem ao longo desse tempo o quanto elas foram massacradas o quanto elas oprimidas o quanto elas foram manipuladas, obvio, pra essas pessoas não é conveniente e não é agradável ter representantes de uma religião que as faça pensar. Então o que a gente percebe que as visões negativas que algumas pessoas ainda tem dentro do encontro em relação a Wicca e as outros vertentes do neopaganismo são frutos dos dogmas da sua religião são frutos da intolerância que é fomentada dentro da sua própria religião, porque pra gente ta tudo bem, a gente só tem um discurso diferente num importa se um "fulano" é mulçumano, católico, evangélico pra nós todas as religiões são verdadeiras existem nós só não as praticamos, então a gente lida bem com todas as religiões e nos consideramos irmãos diferentes, diversos, com as nossas características próprias, pras religiões que são acostumadas a dominar ter uma visão única é muito difícil dialogar dentro desse aspecto e é claro, essas pessoas jamais, não é nesse encontro, não é daqui a dez encontros, ou vinte encontros a mais essas pessoas jamais nos verão com o mesmo discurso espiritual que elas que nós queremos libertar as pessoas que tem ficado sobre o julgo dela durante tanto tempo, liberta-las psicologicamente, liberta-las emocionalmente, libertar da opressão psicológica que essas pessoas tem vivido durante todo esse tempo, independentemente delas se voltarem a nossa religião ou não, a nossa religião não é conversista, o nosso intuito de libertação não é no sentido de trazer as pessoas pra dentro da nossa religião, mas elas serem verdadeiramente livres pra poderem ser o que elas quiserem e praticar a religião que elas decidirem praticar e livres de pensamentos de subjugação de opressão e livres do medo que tem assolado as pessoas dentro das religiões por tanto tempo, o medo é uma divindade que não pode fazer mais parte de nenhuma religião e nos estamos aqui pra cantar banindo.

APÊNCIDE C – ENTREVISTA 3

DADOS DO ENTREVISTADO

Nome da Entrevistada: Virginia Dal Bo Ribeiro – Bruxaria Wicca.

Idade: 34 anos.

Profissão: Fisioterapeuta.

Formação: Formada em fisioterapia.

QUESTÕES

1 Como você se vê, seria bruxa, é essa a palavra mesmo o que é ser bruxa?

– Olha, todo o bruxo e bruxa tem uma ligação com a natureza e com isso eu me identifico com a bruxaria sim e com a Wicca em particular uma das vertentes desse vasto mundo que é a bruxaria, eu tenho uma experiência interessante porque minha família toda é evangélica a família do meu pai são presbiterianos, a família da minha mãe são batistas, e eu fui muito ativa regi coral dei aula de escola dominical, estudava mesmo a bíblia, até que comecei a ver muitos, coisas assim, num lado, num cantinho da bíblia tava escrito uma coisa, no outro lado diz dizia aquilo que estava escrito ali, eu comecei a perceber que aquilo não me satisfazia mais não que seja certo ou errado porque religião não existe certo ou errado cada pessoa tem a sua religiosidade o que mais se identifica com aquela pessoa, e aquilo me passou a não me identificar mais com aquela religião comecei a ficar triste indo na igreja comecei a ficar angustiada e comecei a procurar outras coisas fui lendo muitos livros até que caiu na minha mão o livro da Márcia Frazão *Revelações de uma Bruxa* e lá estava escrito como era a Antiga Religião voltada para o sagrado feminino e falava assim “é isso, é isso que tava faltando” pra mim pra minha alma ficar feliz era a parte feminina dentro da religião dentro da espiritualidade. Porque as religiões majoritárias de hoje é muito focada no masculino é homem é o homem o homem que faz tudo, ainda mais na igreja que meu pai frequenta até hoje que é a que eu frequentava era muito ortodoxa então não existia mulheres pastoras, por exemplo, como existem nas pentecostais hoje em dia, não existia mulheres diaconisas, nem presbíteras é só os homens que exercem esses cargos então você fica um pouco achando se achando manca dentro da religião você pode umas coisas mas não pode outras então você não exerce sua espiritualidade plena e dentro da bruxaria como mulher eu pude achar essa espiritualidade plena que eu tava procurando de que a mulher também é importante também tem a sua carga mística inclusive dentro da religião todo um papel dentro da ritualística que não tinha aonde eu estava e não estava me satisfazendo mais e quando eu comecei a descobrir esse novo mundo da bruxaria e da Wicca em particular eu descobri que as mulheres também tem a sua religiosidade a sua espiritualidade e seu papel importante dentro do sagrado que seria o sagrado feminino.

2 Há quanto tempo você é bruxa?

– Há treze anos, que eu me identifiquei com esse caminho novo e decidi não ser mais cristã.

3 A bruxaria é uma religião?

– É uma religião, contem dogmas, doutrinas, mas não tão rígidas quanto a doutrina vigente cristã, mulçumana, essas mais patriarcais, mas existem sim, alguns grupos tem hierarquias não todos, mas mesmo aqueles que não tem uma hierarquia rígida em cada ritual se tem uma hierarquia própria daquele ritual não é uma coisa bagunçada, não é cada um chega e faz o que quer como algumas pessoas acham as vezes procuram a bruxaria achando que “oba vou poder fazer o que eu quiser no ritual” e não é assim, cada ritual tem as suas regras intrínsecas e cada grupo cada tradição tem outras regras ainda dentro daquela tradição, então existem sim uma, todo um corpo de crenças que caracteriza como religião.

4 Para você como entrou essa figura do diabo na religião e porque as pessoas temem tanto ainda hoje a bruxaria?

– Eu acho que muitos fatores levam a esse medo, primeiro que um dos Deuses dentro da bruxaria ele tem chifres e cascos, que é a figura do diabo clássico da igreja católica, que é um homem, meio homem meio bode com chifres e tal, que é a figura de um dos Deuses, que é o Deus “cernunnos” ou “Chifrudo” isso realmente dá um medo, mais do que a figura física de ter chifres e coisa assim o que ele representa, ele representa a natureza indomada os instintos isso era muito temido naquela época e é até hoje e você pensar que Deus é a natureza e esta em tudo, pras pessoas que seguem as religiões abraamicas isto é muito difícil porque o ser humano foi feito para dominar a natureza e não o contrario, então por a natureza num patamar divino pra eles é muito difícil natureza é uma coisa a ser dominada como é os instintos, os nossos instintos tem que ser dominados a gente não pode botar os instintos pra fora essa repressão desses instintos dentro do ser humano também se representa na natureza na forma do diabo do demônio, então o demônio é tudo que tem que ser reprimido, a natureza instintiva, a natureza como natureza mesmo a árvore o trovão, as enchentes, os tsunamis que teve no Japão então isso tudo era atribuído se fosse um tempo atrás ao demônio e acho que muita gente ainda acha que é o demônio que tá jogando as águas no Japão porque eles não são cristãos são budistas, então Deus tá punindo os japoneses. Então essa natureza indomada, esse instinto ou é a punição de Deus ou é obra do Diabo, então ele nunca vê isso como uma manifestação divina de transformação que é o que as bruxas vêm, então elas vêm essa oportunidade não só catástrofes porque não é só de catástrofes que vive a transformação são de coisas boas também mas não vê isso como um castigo divino ou obra do Diabo, mas sim momentos de renovação da própria Terra, a Terra é um ser vivo e é a Deusa uma das representações da Deusa é o planeta Terra e isso não é visto assim por essas religiões majoritárias então a natureza foi feita pra ser dominada pelo homem, então você já tem uma demonização um rebaixamento da natureza e como dizem alguns livros a natureza é muito ligada ao feminino então o feminino acaba se ligando a natureza se ligando ao que é instintivo se ligando ao mal se ligando ao Diabo então a mulher e o Diabo tão ali, por muitas centenas de anos as mulheres ficaram rebaixadas dentro tanto da sociedade quanto da sociedade religiosa, a sociedade civil, a sociedade religiosa por ter essa ligação com a natureza e o que era natural era coisa do demônio e o que é masculino é ligado ao espírito é ligado as coisas espirituais é ligado ao divino, porque quando Deus criou o homem criou a imagem dele e a mulher, a imagem de quem? Ai começa as confusões, tem até dentro do Malleus Maleficarum fala que a palavra feminino vem de “feminus” a que tem uma fé menor, num tem nada a haver vem do latim que significa outras coisas, mas eles conseguiram até fazer esse link

inexistente pra poder por um respaldo no que eles faziam porque perseguir as mulheres?

5 Então esse medo que as pessoas têm da bruxaria vem de antes?

– Vem de antes, antes do advento do pentecostalismo que hoje as igrejas pentecostais são as mais veementes que a gente vê contra as outras religiões que são anímicas que adoram a natureza e que Deus esta em tudo eles são contra isso eu acredito que nessa crença que desde a Idade Média de que a natureza para usufruto do homem e a natureza é ligado ao feminino e como a bruxaria é uma religião muito feminina não é que só aceite mulheres tem mulheres e homens com várias orientações sexuais não só uma, mas, por essa ligação com o feminino e o feminino esta ligado a algo que é ruim que é instável até hoje se tem esse medo da bruxaria em geral do paganismo a outras vertentes pagãs não só a bruxaria.

6 Você acha que esses discursos tem mudado através de encontros que discutem as religiões e forma de religiosidades?

– Dentro do Encontro da Nova Consciência a bruxaria tem ganhado mais visibilidade um outro olhar o paganismo em geral a bruxaria em particular, mas o discurso no geral entre outras religiões não mudou pode ter ficado mais eufemístico, diminuído, velado o que acho isso pior porque acho melhor alguém xingar mesmo eu saber que aquela pessoa não gosta de mim por causa da minha religião do que aquele “ai que pena”, outro dia eu ouvi de uma amiga, eu falei assim “ai eu acredito numa Deusa uma Deusa que é uma Mãe” ai ela “ai que pena, infelizmente né” e eu “como assim infelizmente? Eu tô feliz assim, eu não falo que pena que você se transformou numa adepta de tal e tal igreja” mas ela chegou com esse discurso, quer dizer mudou a forma do preconceito mas o preconceito não mudou, mudou o discurso mudou, você perguntou se mudou o discurso? Mudou, mas não sei se pra pior ou se pra melhor, se alguém chega pra mim e fala que ta muito triste porque eu acredito na Deusa sigo a Deusa infelizmente eu tenho essa orientação religiosa eu acho que não mudou nada na verdade continua o mesmo preconceito só não tem aquela animosidade, você vê cada vez menos gente tacando pedras na rua porque uma pessoa tem essa orientação religiosa ainda, não sei se, tudo é cíclico eu acredito num mundo pode ser que isso volte a acontecer uma hora na historia da humanidade mas ainda não você tem ainda esse eufemismo “ah, é que eles estão brincando de religião, eles estão fantasiando alguma coisa” eu acho que é isso que ta na cabeça das pessoas que tem um preconceito contra a bruxaria, então eles passam a mão nas nossas cabeças como se fossemos crianças que ainda não sabem o que estão fazendo diferentes de antes de antigamente que tacava pedras mesmo tentava exorcizar a pessoa hoje não tem mais essa agressividade mas você um cinismo que eu acho pior tenho vontade estrangular uma pessoa dessa (risos) eu prefiro que me taquem pedras que ai eu sei como me defender do que ficar passando a mão “ai coitadinha você é pagã?” Há três anos participo do encontro e percebo esses preconceitos velados, isso no geral, da coordenação do encontro já não, já vejo uma maior abertura pra bruxaria já convidam mais pras mesas pro evento macro você um pouquinho mais de visibilidade da bruxaria, mas o publico que vai assistir no geral continua com os mesmo preconceitos.

7 Isso por quê? Falta de informação ou outros valores que essas pessoas possuem?

– Falta de informação eu acredito que seja isso, os valores só são mudados se você tem informação para muda-los, como eu disse que eu tinha uma fé e comecei a ficar insatisfeita com ela não sabia o porque só quando eu tive a informação de que existia algo diferente é que eu soube que eu não era aquilo e era aquilo outro então eu acho que as pessoas não tem essa informação, então quando a gente não conhece uma coisa a gente tem medo dela o ser humano teme o desconhecido então enquanto o publico em geral não tiver mais informação sobre o que é a bruxaria, como que se pratica, o que eles acreditam, livros aonde procurar mais informação vai continuar esse mesmo medo essa mesma animosidade digamos assim contra a bruxaria.

8 Resumindo em alguma frase ou em poucas palavras o que é ser bruxa?

– Ser bruxa é ter orgulho de ser mulher e ser uma mulher que tem a sua parte masculina como o homem tem orgulho de ser homem e ter a sua parte feminina e celebrar a natureza em todas as suas manifestações e a bruxaria seria essa essência de praticar o verdadeiro amor entre todos e a harmonização com a natureza tanto fora quanto dentro de nós.

